

Mariela Claudete Ramos

**PRECISAMOS FALAR SOBRE O CLITÓRIS NA ESCOLA:
INVESTIGANDO REPRESENTAÇÕES DE ESTUDANTES DE
GRADUAÇÃO EM BIOLOGIA ACERCA DO CLITÓRIS**

Trabalho de Conclusão de Curso (BIO7013) para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas, desenvolvido através das vivências e estudos junto ao ObEdUFSC Ciências (Observatório de Educação em Ciências da UFSC), sob a orientação das professoras Mychelle Carneiro Santana e Simone dos Santos Ribeiro.

Florianópolis
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pela autora
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária
da UFSC.

Ramos, Mariela Claudete

Precisamos falar sobre o clitóris na Escola: :
investigando representações de estudantes de
graduação em Biologia acerca do clitóris / Mariela
Claudete Ramos ; orientadora, Mychelle Carneiro
Santana, coorientadora, Simone dos Santos Ribeiro,
2018.

106 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Ciências Biológicas, Graduação em Ciências Biológicas,
Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Ciências Biológicas. 2. clitóris. 3.
sexualidade. 4. gênero. 5. educação. I. Santana,
Mychelle Carneiro . II. Ribeiro, Simone dos Santos.
III. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em Ciências Biológicas. IV. Título.

Mariela Claudete Ramos

**PRECISAMOS FALAR SOBRE O CLITÓRIS NA ESCOLA:
INVESTIGANDO REPRESENTAÇÕES DE ESTUDANTES DE
GRADUAÇÃO EM BIOLOGIA ACERCA DO CLITÓRIS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgada adequada para obtenção do Título de “Licenciada em Ciências Biológicas” e aprovada em sua forma final pelo Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 11 de junho de 2018.

Banca Examinadora:

Prof.^a Mychelle Carneiro Santana
Orientadora

Prof.^a Simone dos Santos Ribeiro
Orientadora

Prof.^a Larissa Zanella

Prof.^a Mariana Barbosa de Amorim

Dedico este trabalho à minha mãe,
Claudete, Marielle Franco e Matheusa
Paareli.

VOCÊS VIVEM!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, hoje e sempre, pela Vida e pela natureza, por tudo de simples que deixa o caminho mais bonito, por ter nascido nessa Ilha Bruxólica maravilhosa, por ser filha do Mar e do Vento Sul, pelo alimento que me nutre corpo e alma todos os dias. Agradeço por cada ser que passou pela minha vida, que me fez pensar, sorrir, chorar, crescer... que me mudou de alguma forma! Em especial à minha mãe, Claudete, que me ilumina e guia nessa viagem, ao meu pai pelos esforços de sempre para que eu pudesse estudar, à Lindaura pela compreensão, palavras amigas e pelas comidinhas veganas, ao meu irmão por ter o mesmo sorriso que o da nossa mãe, que também é o mesmo que o meu, e às minhas avós, Tomazia e Felicidade, cujos ensinamentos e sabedorias carregarei para sempre dentro de mim.

Agradeço à todo mundo que acreditou em mim e me apoiou de diversas formas, me inspirou, me deu forças para que eu conseguisse completar essa etapa da vida. Especialmente às minhas orientadoras maravilhosas, exemplos de educadoras e mulheres de luta, Mychelle e Simone, pessoas que me inspiram e fortalecem nessa caminhada. À todas as pessoas do OBEDUC, núcleo de (auto)descobrimento, renovação de forças e esperanças dentro desse ambiente que por tantas vezes me foi tão hostil, tão difícil para existir, vocês me ajudaram a descobrir qual meu lugar nisso tudo. Especialmente Mari Brasil, Mari Barbosa, Lari Zanella, Marinilde e Ana Carolina, que estiveram envolvidas diretamente com o desenvolvimento desse TCC, gratidão!

Gratidão à todas as outras pessoas e professoras/es que cruzaram meu caminho nesse processo e, sabendo disso ou não, transformaram ele de alguma forma, me inspirando e incentivando à não desistir de falar, a romper os silêncios e lutar pelo o que acreditamos, sem deixar de lutar por ser EU antes de qualquer coisa: Sami, Lari, Lúcio, Braian, Bruno T., Vera, Luana, Miranda, Piruca, Amanda, Lívia, Ana Lara, Rinaldo, Joana, David, Marília, Bá, Bruna, Ju(s), Tomás, Duda, Nina, Davi, Jé, Carol, Bee, Hillary, Laura e a TODAS as pessoas que já passaram pela COLETIVA MÍTIA BONITA, isso aqui é muito vocês, por vocês, pela gente, é a gente! Juntas e fortes sempre!

Agradeço também pelos meus parceiros de quatro patas, Magoo e Pesadelo, pela conexão e essa troca de amor puro, amor de verdade. À minha terapeuta, Carol, por me compreender e ajudar tanto! À todos meus amores, amigos, pessoas que me amam, me cuidam, de longe e de perto, me fazem bem e me permitem não desistir do amor, que nosso amor se expresse lindo e leve de diversas formas, para sempre.

Agradeço muito mais que especialmente ao meu squad que sobretudo nessas épocas de TCC foi INCRÍVEL comigo, me dando força, apoio, carinho, COMIDAS, chás das 4h20, que ouviram com dedicação meus longos áudios no whatsapp e meus discursos revoltados também, que rebolaram muito comigo para jogar para longe o estresse, que me fizeram acreditar mais em mim: Gu, Ju, Léo, Chacon, Jéssica, Henrique... graças a vocês venci as tretas que sozinha não poderia e cheguei até o fim desse desafio. Seguimos juntas e fortes, pois temos ainda um longo caminho de combate, arte e causamento pelo frente!

Gratidão à Sagrada Medicina Ayahuasca, aos meus padrinho e madrinha Júlio e Val, aos povos e sabedorias da floresta, ao mestre Juramidam, Salve! Gratidão, Universo, pelas minhas antepassadas e antepassados que nos trouxeram até aqui, pelas minhas raízes, pelo meu chão, pela liberdade, pelo amor e pela arte que me cura.

*Socialmente construídos para sermos um ou outro,
Menos mal para quem nasce Um.
Coitadas de nós que nascemos Outras.
Não nos deram escolha!
E mesmo que dessem, duas opções é pouco para quem eu sou.
Em nenhuma eu caibo.
Eu sou Uma também
E sou muitas, sou quantas eu quiser ser!
A biologia, inocente, ao acaso fez meu corpo do jeito que é.
Inocente porque a culpa é de quem a lê assim,
de maneira limitada, determinista.
Ignoram um Universo sem fim que existe dentro do meu corpo
e as possibilidades inúmeras que a vida nos dá.
Nos ensinaram errado,
eu tenho certeza!*

*Nos disseram que só tem um jeito de amar.
Eu descobri sozinha que existem tantas formas de transar
quanto a extensão da minha pele e tudo o que ela pode sentir.
Nos educaram para ter medo:
do outro, de nós mesmas, do meu corpo.*

*Eles sabem que uma vez auto-descoberta e liberta
não tem mais volta:
jamais os ouviríamos novamente!
É o som da minha respiração e dos meus gemidos
que ditam o que é bom para mim.
A minha sexualidade sou eu que vivo, que aprendo e que sinto.
Ciência nenhuma pode nos classificar.
A sua leitura pré-programada e equivocada do meu corpo
não muda quem eu sou.
Mas eu posso mudar, se EU quiser!
Assim como a vida é fluida e o rio nunca para de correr
E a Natureza de se transformar,
eu me redescubro e reinvento todo dia,
porque infinitas são as maneiras de ser e de amar.*

Mar(i)

RESUMO

Após algum tempo pesquisando e descobrindo sobre gênero, sexualidade e educação no âmbito do grupo de pesquisa em ensino ObEdUFSC, e nas minhas próprias experiências pessoais, despertei meu interesse para a ausência de produções literárias sobre o clitóris e seu silenciamento sócio-histórico, inclusive no ensino de Ciências e Biologia, e a falta de representatividade do órgão nas aulas, nos livros didáticos e em tantos outros espaços. Orientaram meu trabalho estudos sobre o determinismo biológico criado e mantido pela Ciência, reproduzido no ensino e em outras estruturas que mantêm o sistema vigente, que tanto sustenta discriminações, violências e marginalização de grupos com sexualidades desviantes através de seus discursos e práticas sexistas, transfóbicas, e mecanicistas sobre os corpos; e estudos da história da sexualidade, a repressão do prazer sexual dos corpos que nasceram com clitóris e o papel da Escola na educação e desenvolvimento sexual dos indivíduos. Junto a uma turma do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina realizei uma pesquisa sobre a representação e estudo do clitóris no contexto escolar vivido por essas pessoas, bem como dentro do âmbito da graduação, que prepara futuras educadoras de Ciências e Biologia. Obtive acesso a alguns dados através da aplicação de um questionário cujo conteúdo das respostas é analisado quantitativa e qualitativamente no presente trabalho. Organizei duas aulas com a turma participante da pesquisa, onde abordamos diversos assuntos da sexualidade para culminar no tema do silenciamento do clitóris e resposta aos questionários. Durante as aulas utilizamos ferramentas metodológicas de viés artístico como a apresentação de *fanzine* sobre o tema e a produção de desenhos relacionados ao clitóris e as concepções tradicionalmente atribuídas aos corpos masculinos e femininos nas aulas de Ciências e Biologia, por acreditar na arte como potência para o diálogo e a transformação através da educação. Apresentei também o modelo em 3D do clitóris (criado em 2016 por Odile Fillod na França) que causou bastante surpresa e interesse nas participantes da pesquisa, tendo em vista que a grande maioria não havia aprendido sobre o clitóris no período escolar e nem conhecia a estrutura completa do órgão. Esse silenciamento e controle dos corpos, do prazer e da sexualidade precisa ser rompido, bem como o discurso científico e as práticas educativas precisam ser repensadas e refeitas, para que não sigam servindo de instrumento que legitima violências, desigualdades e exclusões.

Palavras-chave: Sexualidade. Gênero. Educação. Clitóris.
Determinismo biológico.

ABSTRACT

After some time researching and discovering about gender, sexuality and education in the scope of the education research group ObEdUFSC, and in my own personal experience, awakened my interest to the lack of literary production about the clitoris and its social-historic silencing, including in the teaching of Science and Biology, and the lack of representation of that organ in classes, textbooks, and so many other spaces. What oriented the present work were studies about the biological determinism created and maintained by Science, reproduced in education and in other structures which maintain the current system, that largely sustains discrimination, violence and marginalization of groups of deviant sexualities through their sexist, transfobic and mechanistic speeches and practices over the bodies; and studies of the history of sexuality, the supression of the sexual pleasure of the bodies born with a clitoris and the role of School in sexual education and development of the individuals. Along with a Biological Science Graduation major class of the Federal University of Santa Catarina (UFSC), I conducted a research about the representation and study of the clitoris in the academic environment experienced by those people, as well as in the graduation environment, which prepares future Science and Biology educators. I obtained access to some data by applying a survey in which content of the answers is analyzed quantitatively and qualitatively in this paper. I coordinated two classes with the group that took part on the survey, where we approached various subjects of sexuality to finally come to the topic of the silencing of the clitoris and the answers to the survey. During the classes, we employed methodological tools of an artistic slant like the presentation of a fanzine about the topic and the production of drawings related to the clitoris and the conceptions traditionally assigned to masculine and feminine bodies in the Science and Biology classes, as I believe in art as power to dialog and major change through education. I also presented the 3D model of the clitoris (created in 2016 by Odile Fillod in France) which aroused a lot of surprise and interest in the attendees, given the fact that the gross majority hadn't ever learned about the clitoris in regular school and didn't even knew the complete structure of the organ. That silencing and control of the bodies, pleasure and sexuality must be broken, as well as the scientific discourse and the educational practices must be reconstructed, so that they aren't kept as an instrument to legitimized violence, inequality and exclusion.

Keywords: Sexuality. Gender. Education. Clitoris. Biological determinism.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1: O Clitóris | 45 |
| Figura 2: Modelo do Clitóris em 3D | 69 |
| Figura 3: Gráfico 1- Conhecia o clitóris? | 78 |
| Figura 4: Gráfico 2 - Aprendeu sobre o clitóris na escola? .. | 79 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC: Base Nacional Comum Curricular

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CAOJ: Centro de Aconselhamento e Orientação de Jovens

EBM: Escola Básica Municipal

LDB: Lei de Diretrizes e Bases

LAMEB II: Laboratório Multiusuário de Estudos em Biologia II

LGBTQI+: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Queer, Intersexuais e mais

ObEdUFSC: Observatório de Educação da UFSC

PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais

SIDA: Síndrome da imunodeficiência adquirida

UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| (Re)pensar a linguagem é preciso | 24 |
| 1. EM QUE CHÃO EU PISEI | 27 |
| 2. O QUE ME SUSTENTA | 37 |
| 2.1 A SEXUALIDADE | 37 |
| 2.2 AS MULHERES | 28 |
| 2.3 O CLITÓRIS | 30 |
| 2.4 A CIÊNCIA | 34 |
| 2.5 A ESCOLA | 38 |
| 3. ABRINDO CAMINHOS | 63 |
| 3.1 PRIMEIROS OLHARES | 61 |
| 3.2 UM OLHAR MAIS APROFUNDADO | 73 |
| 3.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CLITÓRIS EM NÚMEROS | 77 |
| 3.4 UM OLHAR PARA AS RESPOSTAS A PARTIR DOS REFERENCIAIS TEÓRICOS | 79 |
| 3.4.1 O silenciamento do órgão do prazer | 80 |
| 3.4.2 O papel da escola | 82 |
| 4. DESFECHOS | 87 |
| REFERÊNCIAS | 91 |
| GLOSSÁRIO | 95 |
| APÊNDICES | 98 |
| ANEXOS | 104 |

(RE)PENSAR A LINGUAGEM É PRECISO

A linguagem, que não é neutra, é poderosa. Ela reforça aquilo que já está bem fundamentado na cultura e é a mais veloz ferramenta disseminadora de ideias. Apesar de forte, a linguagem é maleável e se moldou muito bem nas mãos e bocas dos grupos mais poderosos, os que tiveram permissão para criar e dominar a língua. As pessoas tradicionalmente lidas como mulheres (grupo social fundado em um sistema binário de gênero e patriarcal) foram silenciadas e escondidas ao longo da história. Não aceitar a linguagem construída pelos grupos dominantes, os homens, que não coincidentemente usa o masculino como referência, é não aceitar o silêncio e a invisibilidade; é chamar atenção para as relações de poder e machismo carregados pela linguagem; é manifestar que temos muito a dizer.

Uma sociedade está representada também na linguagem e nos discursos das pessoas que a compõem e é, portanto, muito influenciada pelo patriarcado. O patriarcado é uma das estruturas que fundamentam as desigualdades de gênero e as violências contra as mulheres, apresentando-se como um sistema social baseado na família que tem no homem a figura de poder, que domina, sustenta e sujeita, desde seu surgimento, através do advento da propriedade privada¹, a mulher ao papel de esposa submissa e cuidadora da riqueza material que não é sua, bem como a ela confia a função de dar continuidade à linhagem do marido, através da reprodução desta na criação de filhos e filhas. Eu estou em desacordo com este sistema patriarcal e também com a sua linguagem. Assim, adotei neste trabalho opções linguísticas com as quais pretendo provocar reflexões sobre o quanto a maneira como falamos/escrevemos é sexista e determinista. As minhas estratégias linguísticas nessa tentativa de (re)escrever a história e os sonhos para o futuro estão ainda sendo construídas e experimentadas. Optei aqui por

¹ “A propriedade privada aparece: senhor dos escravos e da terra, o homem torna-se também proprietário da mulher. Nisso consiste “a grande derrota histórica do sexo feminino”. Ela se explica pelo transtorno ocorrido na divisão do trabalho em consequência da invenção de novos instrumentos. (...) O direito paterno substituiu-se então ao direito materno; a transmissão da propriedade faz-se de pai a filho e não mais da mulher a seu clã. É o aparecimento da família patriarcal baseada na propriedade privada.” (BEAUVOIR, 1970 p. 74-75)

usar o feminino quando me refiro a grupos mistos de pessoas, ao invés de usar o masculino para significar esse coletivo de indivíduos. Também faço uso do termo “pessoas” para me referir a um grupo, quando não sei o gênero ou gêneros que constituem esse grupo.

Em alguns momentos, a decisão sobre em qual gênero escrever uma palavra me resulta crítica, principalmente por dois motivos: 1. O sistema é pautado em um binarismo de gênero com o qual também estamos eu e tantas outras pessoas em desacordo por não nos sentirmos representadas pelos dois modelos ideais de gênero que nos são apresentados desde o nascer (homem e mulher) e acreditar que a identidade de gênero é um espectro que não se limita à modelos pré-determinados e muito menos cabe nestas duas únicas opções. Assim, não consigo escapar de eu mesma, nas minhas discussões, encaixar as pessoas nesses dois grupos (aos quais me refiro sempre no plural, “mulheres”), sobretudo, quando falo de aspectos históricos, já que a própria história se desenvolveu com base nesse binarismo; 2. Tendo sido a história que conhecemos, aquela que ganhou visibilidade, escrita por homens e na sua linguagem de referência masculina, é muito difícil encontrar aporte teórico que tenha sido produzido com uma linguagem não-sexista, não-transfóbica (principalmente no âmbito das ciências) e que não seja baseado nesse binarismo. É bem provável que muitas vezes informações históricas dos textos que li, quando se referem a um coletivo de pessoas no masculino, esteja realmente se referindo a um grupo exclusivo de homens, tendo sido estes dominantes em vários aspectos no desenvolvimento das pesquisas científicas (ironicamente, inclusive, sobre o próprio clitóris) e produções acadêmicas. Mesmo sabendo dos riscos de estranhamento e afastamento da leitora por conta dessa busca por uma linguagem pró-feminista, não usual e ainda em construção, assumo o risco como um posicionamento político de enfrentamento ao sistema patriarcal e suas estratégias linguísticas de dominação, colonização e silenciamento.

Eu não me refiro ao clitóris, de maneira nenhuma, como um órgão exclusivo de mulheres, tendo em vista que muitas pessoas que nasceram com esse órgão não se identificam como mulheres e há também outras que sim, se identificam como mulheres, mas não nasceram com este órgão. Portanto, critico também a cis-normalidade criada, reproduzida e alimentada pela Ciência, que limita as pessoas às interpretações construídas com base nas suas características biológicas e ignora, por exemplo, as pessoas intersexo, que não podem ser facilmente classificadas enquanto homem ou mulher segundo a norma biologicamente determinada e são retratadas nas aulas de ciências como

anomalias que precisam de intervenção cirúrgica para se encaixarem em um padrão estético socialmente aceitável. Intervenções essas, muitas vezes, realizadas sem seu consentimento ainda na infância, por pressão de médicos e familiares. Estou, portanto, tentando construir uma linguagem que seja o menos transfóbica e sexista possível e que não reproduza determinismos biológicos.

Quero me apoderar da linguagem, usá-la e reinventá-la para o combate às opressões e para a maior representatividade das mulheres e outras pessoas de identidades e sexualidades que não se encaixam nas normas impostas. Quero que a língua nos dê poder e nos faça mais fortes e visíveis.

1. EM QUE CHÃO EU PISEI

Eu sou a filha temporã de uma família nativa da Barra da Lagoa, uma vila de pescadores localizada numa restinga da região Leste da Ilha de Santa Catarina. Nasci e fiz da praia meu quintal. Do Canal da Barra e seus trapiches, bateiras², barcos e pedras, meu parquinho. Os melhores momentos com minhas amigas e amigos aconteceram nas beiras desse Canal e nas areias dessa praia (ainda acontecem!). Joguei futebol na areia dura - à beirinha da água (que machuca os tornozelos ao chutar, quando a areia grudada na pele úmida de água do Mar é atingida forte pela bola) e na areia mole (que cansa pernas e pulmões). Logo percebi que é preciso muito fôlego para jogar futebol num mundo de meninos (eles podem, inclusive, ficar até tarde, depois do Sol se pôr atrás do morro; nós voltamos para casa mais cedo para ajudar no jantar). Também fiz muitos castelos de água e areia quando ia à praia com meu pai, enquanto ele jogava a tarrafa perto dos molhes atrás de Tainhas ou Sardinhas, dependendo da época do ano. Observei todo tipo de conchinha que já existiu nessa praia e ao longo dos anos vi o quanto elas diminuem em quantidade e ficam menorzinhas em tamanho (me dei conta de que as maiores e mais bonitas são levadas pelas pessoas e a cada temporada havia mais pessoas e menos conchas - muito cedo na vida tomei a decisão: “Nunca vou tirar conchinhas e nada que seja natural daqui, nem de praia nenhuma, pois se todas as pessoas tirarem, não sobra nada para a praia!”). Os trapiches, sobre os mesmos e também embaixo deles, com água na altura do peito e adrenalina lá em cima, foram palco de muitas conversas, descobertas e aventuras que compõem grande parte do meu desenvolvimento enquanto um ser em constante aprendizado e transformação.

Muito da minha construção e das minhas indagações em relação ao meu gênero, ao papel que me deram e ao que eu queria exercer e à minha própria sexualidade, no sentido infinito que essa

² Bateira: pequena embarcação de madeira, manejada com um bambu longo que cava o fundo do rio para dar impulso e movimento, enquanto àquela que navega, se equilibra em pé sobre a embarcação. As bateiras costumam ganhar nomes engraçados ou de pessoas queridas e pinturas coloridas. É preciso ter experiência e coragem para remar, sobretudo quando há correnteza e ventos fortes, o que é comum na Barra da Lagoa. A arte de guiar uma bateira é ensinada entre as gerações ou de pessoas nativas para aquelas que vêm de outros lugares morar na tranquilidade do outro lado do Canal da Barra, o Morro do Torquato.

palavra tem, provém dos momentos com essas pessoas e nesses lugares. Também observei os bichos do canal e percebi que, assim como as conchinhas da praia, eles se faziam cada vez menos presentes a cada verão. As lontras, os polvos, as serpentes (que me enfeitiçam desde criança, sobretudo essas que nadam poderosas sobre a superfície da água), as lesmas-do-mar (que chamávamos de tinteiros) e as marias-da-toca (um peixinho pequeno que se escondia em buracos, tijolos e embaixo de pedras) eram cada vez mais raros. Quase esquecemos que em algum momento, quando ainda éramos bem crianças, esses animais faziam parte do dia-a-dia das brincadeiras no canal. Fomos crescendo e como todo ser que cresce, passamos a perceber menos os detalhes e as coisas pequenas. Eu me esforçava sempre para observar e não esquecer essas coisas pequenas. Acredito que toda bióloga tenha olhos de lupa e coração de criança, como eu acho que tenho. Aprendi a amar a Natureza desde que nasci. O mar, a água salgada, era onde eu mais gostava de estar. Fui sereia muitas vezes, eu e uma amiga de infância. Em contrapartida nunca fui princesa. As sereias, mais independentes, namoravam com o Mar (eu achava, senão, morreriam). Nenhum homem era para mim mais envolvente e atraente (talvez até hoje) do que o Mar. E foi por amor a ele, ao Canal e à Lagoa da Conceição, que resolvi que prestaria vestibular para Biologia.

A escolha do curso não foi fácil. Eu gostava de muitas coisas: História, Psicologia, Artes (embora não tivesse nítida a possibilidade de escolher a Arte como carreira profissional), Geografia, Português... Mas foi a Natureza que mais me seduziu e seduz, que me enche os olhos de cores e o peito de ar. Logo decidi: vou ser bióloga! Não foi um momento fácil. Me senti um pouco sozinha. Meu pai queria muito que eu fosse advogada (dizia que eu nasci para isso, pois não perdia nenhuma discussão). Acho que hoje ele já descobriu que eu jamais poderia trabalhar em roupas formais ou em escritórios (salas, só se forem as de aula). Lembro que na apresentação da turma de Biologia Celular, na segunda fase do curso, contei para minhas colegas que a minha escolha pela Biologia devia-se ao meu sonho de um dia salvar a Lagoa da Conceição. Eu via, ano após ano, o quanto ela estava morrendo. Isso me doía o coração. Gostaria de fazer algo pela Lagoa: tratar suas águas, tirar aqueles esgotos a céu aberto que desembocam nela, cuidar dos seus animais. Compartilhei para a turma meu sonho, de maneira sincera e emocionada e carreguei comigo ainda viva essa vontade de transformação para um maior cuidado, amor e reconexão com a Natureza. Tento traduzir essa vontade em práticas como o veganismo e luta pela libertação dos animais. Porém, nunca cheguei nem perto de

trabalhar com Limnologia e tratamento de água. Fugi de laboratórios assim como dos escritórios. Tive apenas uma experiência em laboratório, no LAMEB II (Laboratório Multiusuário de Estudos em Biologia II), onde trabalhei com Microscopia e Histologia. Esse momento me fez perceber que eu prefiro pessoas a equipamentos. A equipe do LAMEB II me enchia de alegrias e esperanças em relação à pesquisa científica realizada na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e à Ciência. Eram pessoas verdadeiras, calorosas e não se acomodavam com o que não estava bom. Também havia as visitas das Escolas: preparávamos aulas sobre assuntos gerais de Biologia, com uso de microscópios e modelos anatômicos. As crianças amavam. Aprendi que não se pode subestimá-las nunca, sendo que precisam de ferramentas e empurrões sim, mas que não têm limites para o aprender-ensinar e para a paixão pela vida.

Eu sempre gostei da Escola. Sentia-me em casa, confortável, querida e feliz. Estudei até a 8ª série na EBM Prefeito Acácio Garibaldi, na Barra da Lagoa. Éramos praticamente a mesma turma desde a pré-escola. Crescemos e aprendemos juntos a colher jambolão, a alimentar coelhos com folhas verdes-escuras, a fazer Boi-de-mamão³ (e todos os outros personagens, com armação de bambu, jornal e muita cola caseira), a cantar músicas antigas da Ilha de Santa Catarina, a ler histórias, jogar bandeira-salva, a não fazer sexo porque se contrai doenças e seus genitais ficam estragados e feios. Também tocamos percussão (uma das minhas maiores paixões, que descobri graças à Escola em que estudei e ao Grupo Arréda-Boi, da Barra da Lagoa, onde fui uma das únicas meninas entre inúmeros meninos - sem sequer ter me dado conta na época). Da mesma forma desenvolvemos habilidades como fazer dobraduras, ler partituras, pintar em tela, conjugar o verbo “To Be” e a tocar flauta doce. Durante os tempos nessa escola pratiquei Karatê-Do por cinco anos, tendo a chance de desenvolver meu autoconhecimento e autoconfiança, onde pude perceber que se nós mulheres não tentarmos, seguiremos sempre pensando que não somos capazes e que não somos fortes. E não seremos mesmo, portanto. Autoconhecer-se e acreditar em si é fundamental para o

³ Boi-de-mão: Manifestação folclórica da Ilha de Santa Catarina (e outras regiões do estado, sobretudo litorâneas) de raiz açoriana. As participantes produzem fantasias de animais e criaturas fantásticas (boi, cavalo, Bernunça, Maricota, macaco, benzedeira, etc.) que interpretam histórias preenchidas de elementos culturais da religiosidades, artes e costumes regionais, com variações de personagens, narrativas e canções entre as diferentes localidades.

empoderamento. Então, meu corpo começou a querer libertar-se da armadura de mulher que me colocaram. Agora eu batia e gritava “como um homem”. Era eu ou essa classificação binária-hetero-sexista que estava errada? Ainda não sabia ao certo. Um pouquinho de culpa sempre mexia dentro de mim e me fazia questionar se não era mais fácil me conformar logo com o que disseram que eu sou e que posso fazer.

Eu era uma boa aluna. Tirava boas notas como se esperava, participava das aulas, respeitava colegas e professoras/es e entregava os trabalhos no prazo. E eu concordava que isso que era ser uma boa aluna. Só mais tarde percebi os problemas dessa supervalorização das notas e do fazer o que se espera que se faça. Hoje eu percebo que o meu amigo que rasgava as provas, saía da sala sem permissão e não cumpria as tarefas escolares como lhe era cobrado, era genial e tinha muitas coisas a serem ditas, muitas potencialidades, tantas ou mais do que eu. Por sorte, eu conseguia falar numa língua que era aceitável e valorizada na Escola (não sei o quanto disso foi apenas sorte e o quanto fui eu realmente que me permiti esse “moldar”), enquanto ele fazia o que podia para não ser encaixado à força e ter enfiado goela abaixo uma linguagem que não era a sua. Hoje me dou conta do quanto era protegida pelas professoras/es que supervalorizavam em mim esse desempenho da aluna aplicada e inteligente. Eu sabia disso. E me aproveitava, também. Depois de fazer as tarefas e garantir a minha nota e minha imagem de boa aluna, eu aprontava também. Junto, inclusive, com aquelas e aqueles que tinham imagem de estudantes ruins. Éramos, portanto, de um mesmo grupo de amigas, de estudantes, de crianças... Mas nos tratavam de maneiras diferentes e nos valorizavam diferentemente também. É essa uma de minhas maiores reflexões e lições que levarei para a vida de educadora e pessoa que sonha com a mudança pautada numa educação justa e igual para todas as pessoas, sem que ela seja determinista e limitante, mas acolhedora e libertadora.

Com o passar do tempo e acúmulo de experiências escolares e pessoais, percebia que a conformidade não era um lugar confortável para mim. Eu era inquieta, embora bastante introspectiva também. No ambiente da escola, onde estudei até os 14 anos, consegui me sentir livre e confortável, em vários aspectos. A intimidade que eu tinha com as pessoas, a sensação de estar em casa devido à identificação com costumes e com modo de viver e falar eram realmente coisas muito boas e compensavam, por exemplo, a falta de liberdade e de autonomia a que já estávamos sendo submetidas desde cedo e ainda nem nos dávamos conta. A percepção do meu desconforto e indignação quanto ao ambiente escolar e sistema de ensino veio definitivamente quando eu

estava no Ensino Médio. Ganhei uma bolsa parcial de estudos em uma das melhores escolas da Ilha, uma das mais famosas e reconhecidas por conta de sua equipe docente bem humorada, inventiva (nos métodos de ‘decoreba’ de assuntos, não no de ensinar-aprender) e eficiente (no que diz respeito ao número excelente de aprovações de seus estudantes nos vestibulares e universidades mais concorridos da região). No início estava encantada, embora sentisse falta de minhas colegas e da Escola onde aprendi tanta coisa - cenário de muito descobrimento e lições para a vida. Pensava que finalmente me aprofundaria nos conteúdos e teria a chance de descobrir mais sobre as áreas de estudos e, portanto, decidir qual caminho seguir depois de concluir o ensino médio. Como é de se esperar de uma escola particular preparatória para o vestibular de uma importante capital, ela era totalmente conteudista e retratava muito bem um conceito que fui conhecer mais tarde: a *Educação Bancária*, termo proposto por Paulo Freire. Ao longo dos meses nessa nova escola e conforme apertava mais a saudade das brincadeiras e da simplicidade que a escola do meu bairro tinha, fui me cansando de todas aquelas performances de professores sedentos por aprovações nos vestibulares e notas altíssimas, da competitividade estimulada por eles próprios e da não-valorização da formação cidadã. Cada vez mais me fechava no meu mundo, nos meus livros, rabiscos, desenhos, pensamentos e tristezas, sem deixar de fazer todas as anotações necessárias para manter as minhas tão valorizadas boas notas e uma vaga no curso de graduação que viria a escolher, como eu e minha família tanto sonhávamos (e cobrávamos). No fim do Ensino Médio me restaram apenas duas amigas que depois tomaram rumos totalmente diferentes dos meus. Aprendi muito sobre o que eu não sonho para a educação, sobre o que eu quero ultrapassar e problematizar. Também aprendi a amar História (o professor que mais admirei na vida dava aula de História nessa escola) e entender sobre como é fundamental olharmos criticamente para o passado para nos conhecermos, para aprendermos com os erros, para compreendermos como se deram as construções sociais que sustentam quem somos hoje e tudo o que produzimos e consideramos normal. Por fim, passei no vestibular e entrei na Universidade. Ainda não saí.

A sexualidade sempre foi um assunto muito interessante para mim, muito por ser um tema tão misterioso e proibido. Recordo-me das aulas de educação sexual na 4ª série e do clima de tensão e excitação que tomava conta de nós estudantes. Não me lembro de ter aprendido sobre o meu prazer, sobre o clitóris, sobre masturbação ‘feminina’ ou sobre o lado bom da sexualidade para além da sua função reprodutiva, essencial para a construção de uma família. Lembro-me do medo que eu

sentia e que minhas colegas sentiam também, pois nos ensinaram que para uma menina o sexo levaria a dois finais apenas: gravidez indesejada ou contaminação com alguma doença sexualmente transmissível. A princípio nenhuma dessas opções fazia parecer valer a pena o risco aparentemente intrínseco ao descobrimento, sobretudo depois de nos contarem a triste história da menina que virou mulher e agora brincava com um bebê de verdade ao invés de uma boneca. Também exibiram fotos de genitálias em estados avançados de infecção, casos extremos de pessoas que não tiveram ajuda médica e/ou informação sobre essas doenças e seus tratamentos. As imagens eram muito chocantes e perturbadoras e provavelmente tinham mesmo essa intenção, baseada nessa pedagogia do medo, da estranheza, de causar mais tabu e patologização acerca de aspectos diversos da sexualidade, como maneira de controlar os impulsos, a curiosidade das adolescentes, de controlar seus corpos e seus descobrimentos.

Eu me sentia constrangida, desconfortável, mas mesmo assim cheia de curiosidades e vontades escondidas. Queria conhecer meu corpo e queria descobrir sobre esses segredos, ao que parecia, os mais subversivos da espécie humana. De nada a pedagogia do medo impediu as pessoas de, cada uma a seu modo e tempo, iniciar algum tipo de jornada através do descobrimento do corpo, identidade e sexualidade. Esse aventurar-se era solitário, nenhuma ou poucas referências, sobretudo para as meninas. Nós crescemos inseguras, envergonhadas, reprimidas e, por vezes, limitadas à sexualidade e vontades de um parceiro que conhecia ainda menos um corpo com sistema genital clitoriano. Eu não conversava sobre o assunto, não aprendia com a minha família e não aprendia na escola. Essa repressão silenciosa (nem sempre) e silenciadora que opera junto com a heteronorma, o machismo e outros pilares que mantém a hegemonia e o domínio social de alguns grupos sobre outros, geram também a exclusão e marginalização de pessoas com sexualidades que não se encaixam nessas normas e padrões.

Com o passar dos anos cresceu a minha curiosidade e a importância que eu dava para questões que envolvessem gênero, sexualidade, corpo e identidade. Fui sentindo nas minhas próprias vivências e descobrimentos *o peso* da sexualidade e da liberdade na vida de todas as pessoas para a construção de uma identidade própria, da expressão, da socialização e desenvolvimento e da busca por uma vida feliz. Minha primeira experiência envolvendo sexualidade e educação foi na Escola Rainha Santa Isabel (Coimbra) em 2014, quando estudei em Portugal pelo Programa de Licenciaturas Internacionais

(UFSC/CAPES/Universidade de Coimbra). Fiz um curso que possibilitou a minha participação no CAOJ (Centro de Aconselhamento e Orientação de Jovens, da Fundação Portuguesa “*A Comunidade contra a SIDA*”), para a realização de intervenções formativas em escolas públicas durante os períodos que correspondessem às aulas de Cidadania das escolas. Passamos a discutir semanalmente com uma turma de 7º ano do ensino básico sobre temas relacionados à sexualidade, questões de gênero, identidade e relacionamentos, utilizando leituras, dinâmicas de grupos e exercícios individuais que proporcionavam às estudantes a troca de informações, a partilha de questionamentos, curiosidades e experiências pessoais. Morar por dois anos em outro país (Portugal) foi por si só uma experiência que me permitiu intensas reflexões sobre o machismo e seu enraizamento na sociedade. Também a normatização e discriminações através do sexismo. Eu observava muito o comportamento de ‘homens’ e ‘mulheres’ nos espaços universitários e outros locais mais informais. Para mim, era sempre muito marcante a divisão e determinação de papéis de gênero para ‘homens’ e para ‘mulheres’. Com as crianças da Escola Rainha Santa Isabel também aprendi muito sobre identidade, relacionamentos, vontade de saber e de se conhecer. Elas sabiam muito sobre sexualidade, o que me deixou bastante surpresa (é um erro achar que as crianças não sabem, elas não apenas sabem, como também ensinam), mas, ainda assim, estavam abertas e sedentas por conhecer mais. Acredito que desde bem pequenas as crianças precisam conhecer (aprendendo na Escola, em casa e sozinhas) sobre seus corpos e a importância da sexualidade em suas vidas, sem que lhes plantemos medos ou traumas, e que assim lhes seja proporcionado um desenvolvimento de identidade sexual, afetiva e social que lhes permita uma vida o mais feliz e livre possível.

Um dos meus principais núcleos de pesquisas, experiências, (re)descobrimto da minha identidade e sexualidade, bem como da compreensão sobre a importância desse tema na vida de cada indivíduo foi a Coletiva Feminista Mítia Bonita (UFSC), da qual sou integrante e co-fundadora desde dezembro de 2015. Entre as pessoas tão diversas que compõem esse grupo, me vi como parte importante de uma rede de aprendizados, lutas, amor e compreensão. Aprendi com essas pessoas a importância do autoconhecimento, do amor próprio, de se falar e se estudar sobre o que não é dito nas Escolas e Universidades (sobre o próprio clitóris que é silenciado inclusive num curso de graduação em Ciências Biológicas). É muito importante fazer parte de um grupo e na coletividade aprender-ensinar, trocar e se desenvolver. Ouvir, compartilhar relatos e vivências com pessoas tão diferentes entre si, em

história de vida e personalidade, enriqueceu infinitamente minhas pesquisas acadêmicas, meus pensamentos como futura educadora e como pessoa interessada na educação sexual e de gênero - fundada na construção da igualdade social - bem como a produção deste trabalho.

Encantei-me definitivamente pela Educação e todas as suas questões sociais quando cursei as disciplinas pedagógicas durante a graduação sanduíche na Universidade de Coimbra, em Portugal. Lá realizei leituras incríveis, desenvolvi trabalhos e participei de discussões que me abriram os olhos para a importância da Educação, que tanto me cativou. Desde então soube que precisava seguir por esse caminho, difícil e cansativo, mas tão lindo e com tanto potencial transformador. De volta ao Brasil, após dois anos de intercâmbio, passei um semestre me readaptando e buscando meu lugar na Universidade. Encontrei-me, finalmente, no início de 2016, quando felizmente conheci o ObEdUFSC Ciências (Observatório de Educação em Ciências da UFSC) e fui selecionada para ser bolsista do projeto, com a proposta de trabalhar em conjunto com o grupo questões de gênero, sexualidade e educação. O ObEdUFSC passou então a ser o meu grupo de pesquisa e núcleo de desenvolvimento do meu TCC.

Estudando mais a fundo esses temas, comecei a ter interesse pelo estudo do determinismo biológico e sua reprodução e manutenção através do ensino de Ciências, bem como por questões sobre transsexualidade e transfeminismo. Ao longo dos meus estudos, com referências em diversos materiais compartilhados no meu grupo de pesquisa, na Coletiva Mítia Bonita e pesquisas independentes, comecei a notar e refletir sobre a falta de artigos e pesquisas sobre o clitóris e, principalmente, relacionando esse órgão à educação. Estando mais atenta e interessada no silenciamento histórico-social do clitóris, conheci o trabalho de duas colegas da Biologia, Vera e Luana, para a disciplina de Desenvolvimento Humano do nosso curso, que abordava as causas desse silenciamento e tratava de algo que para mim era ainda uma grande novidade: a estrutura completa do clitóris, inclusive representada por um modelo anatômico em três dimensões (3D). O design desse modelo em 3D foi criado e distribuído virtualmente pela pesquisadora francesa Odile Fillod apenas em 2016, e reproduzido na UFSC pelas minhas colegas e mais tarde por mim, através do Laboratório de Prototipagem e Novas Tecnologias Orientadas ao 3D da UFSC - rede PRONTO 3D. Encantei-me pelo modelo do clitóris, imaginando-o como potente ferramenta educativa e combativa a esses silenciamentos, violências de gênero e repressão da sexualidade e do prazer. Resolvi então que meu Trabalho de Conclusão de Curso trataria também e

principalmente deste silenciamento do órgão do prazer na educação básica e a influência disso no desenvolvimento das pessoas que nascem com clitoris e têm sua sexualidade reprimida e perseguida desde tão jovens. Para isso, realizei uma pesquisa com estudantes da Licenciatura em Ciências Biológicas da UFSC através de um questionário, cujas análises das respostas apresentarei neste trabalho.

Ao longo desses dois anos de estudo, de muita reflexão, descobrimentos e auto-conhecimentos em relação às questões de sexualidade e de gênero, todos os dias me apoiei nas artes, principalmente na música, e usei das expressões artísticas para aprender, sentir e desenvolver meus processos de conscientização e estudo sobre esses temas, através dessas outras linguagens que não as acadêmicas (que tantas vezes me fazem sentir presa) e espaços que não os de ensino formal. Me aproximei ainda mais do RAP e do Funk brasileiros, bem como do Pop LGBTQI+ e a cultura *Drag Queen*, e tomei como aliadas figuras fortes de resistência, combate, luta anti-racista, empoderamento e TRANSformação, que me fizeram e fazem companhia e foram essenciais para o meu despertar e decisão sobre o que eu quero reivindicar e lutar, através desse trabalho e na vida. Entre uma leitura e uma anotação, me envolvia com as letras, histórias, flows e ritmos de cantoras como MC Carol de Niterói, MC Linn da Quebrada (através de quem, inclusive, tive acesso a referências utilizadas para este trabalho, escritas por pessoas transgêneras e não-cisgêneras⁴), Rosa Luz, Triz, Tássia Reis, Glória Groove, Pabllo Vittar, Leona Vingativa, Potyguara Bardo, Drika Barbosa e Brisa Flow. Todas essas mulheres, essas pessoas negras, não-binárias, de periferia, drags, lésbicas... me confortaram, alegraram, motivaram, me deram gás quando eu já estava muito cansada, me ajudaram a não esquecer dos motivos que me movem e me auxiliam constantemente nesse processo de descobrimento contínuo sobre o meu papel em toda essa luta contra os poderes tradicionais e o colonialismo que envenena inclusive e muito o meio acadêmico. Agradeço a elas e todas as artistas da minha vida que me inspiram e fortalecem. Que bom que existe a arte para comunicar, conectar e

⁴ Utilizarei em alguns momentos o termo “não-cisgêneras” pois acredito e emprego uma concepção ampliada da transgeneridade, com a qual também me identifico. Penso que este termo representa o infinito espectro das “inconformidades de gênero à norma cisgênera, bem como para destacar que nem todas estas inconformidades reconhecem a transgeneridade como termo possível para compreender suas subjetividades e lutas políticas.”. SIMAKAWA, 2012, p.1)

libertar! Acredito cada vez mais na arte como forte ferramenta para a educação transformadora, para o diálogo, e tentei na pesquisa que realizei, apresentada neste trabalho, usar também das expressões artísticas como estímulo para reflexão e aprendizado.

2 O QUE ME SUSTENTA

2.1 A SEXUALIDADE

“Dizer que o sexo não é reprimido, ou melhor, dizer que entre o sexo e o poder a relação não é de repressão, corre o risco de ser apenas um paradoxo estéril. Não seria somente contrariar uma tese bem aceita. Seria ir de encontro a toda a economia, a todos os "interesses" discursivos que a sustentam.”

Michel Foucault

A sociedade é construída e moldada por quem detém o poder, o que é determinado, no sistema em que estamos inseridos, pela posse do capital financeiro. Assim, também a sexualidade foi sendo moldada e construída socialmente ao longo de nossa história de acordo com o interesse e concepções das classes hegemônicas. A vigilância e controle do corpo e da expressão corporal e sexual de cada ser também pode ser explicada a partir de um olhar sobre esse sistema do dinheiro e do poder, que também mercantiliza o corpo para aprisioná-lo, explorá-lo em prol do sustento do próprio sistema e aliená-lo. As normas e padrões criados por esse sistema matam e destroem todos os dias, em todos os lugares, os sonhos e as vidas de pessoas consideradas desviantes ou anormais:

A sexualidade é o que há de mais íntimo nos indivíduos e aquilo que os reúne globalmente como espécie humana. Está inserida entre as “disciplinas do corpo” e participa da “regulação das populações”. A sexualidade é um “negócio de Estado”, tema de interesse público, pois a conduta sexual da população diz respeito à saúde pública, à natalidade, à vitalidade das descendências e da espécie, o que, por sua vez, está relacionado à produção de riquezas, à capacidade de trabalho, ao povoamento e à força de uma sociedade. Compreende-se também como esse tipo de poder foi indispensável no processo de afirmação do capitalismo [...]. Além de foco de disputa política, a sexualidade possibilita vigilâncias infinitesimais, controles constantes, ordenações espaciais meticulosas, exames médicos ou psicológicos infinitos. A sexualidade, portanto, é

uma via de acesso tanto a aspectos privados quanto públicos. Ela suscita mecanismos heterogêneos de controle que se complementam, instituindo o indivíduo e a população como objetos de poder e saber. (ALTMANN, 2001, p. 576)

Combater as normativas sexuais impostas sobre as populações é combater também os mecanismos de morte e exploração do sistema nas quais esses se sustentam. O âmbito das questões de sexualidade e gênero⁵ são cada vez mais campos de estudo e pesquisa, dentro e fora dos ambientes acadêmicos. As transformações do conhecimento e da sua produção muito têm a ver com o envolvimento de grupos e movimentos sociais relacionados, por exemplo, com os Estudos Feministas e Estudos LGBTQI+, permitindo e construindo novas questões, complexando as discussões, alimentando debates e ações com novas preocupações, que inclusive desafiam o controle cis-heterossexual e branco da Ciência, das artes, das produções de conhecimento (LOURO, 2011). A luta contra a opressão e violência se dá também no campo do conhecimento. Estudar, conhecer e nomear as normas causadoras, as injustiças as quais queremos combater, é fundamental pois “[...] é devolver essa interpelação e obrigar o normal a confrontar-se consigo próprio, expor os regimes que o sustentam, bagunçar a lógica de seu privilégio, intensificar suas crises e desmontar sua ontologia dominante e controladora.” (MOÇAMBA, 2016).

Sexualidade é um termo amplo, que abrange diversos aspectos do sentir-se e compreender-se como ser humano. Nascemos já mergulhados em uma sociedade que é um todo bem articulado, desenvolvendo-se e mudando no tempo, cujas formas e padrões se consolidam no decorrer da história e atravessam a vida de todos os seres

⁵ O gênero é um conceito bastante articulado, misturado e até confundido com o sexo, que vem enfatizar o aspecto social das diferenças existentes entre os sexos biológicos. Tanto gênero quanto sexo são construções culturais, com base em interpretações científicas das características biológicas. A identidade de gênero de cada pessoa se relaciona com a sua subjetividade, como ela se sente e quer ser vista na sociedade, mas não deixa de receber influências das expectativas sociais depositadas em cima do sexo biológico e das marcas tradicionalmente designadas como femininas e masculinas. O gênero é, como a cultura, uma construção provisória, relacional e em contínua transformação, portanto o sua compreensão e definição ainda não está concluída (LOURO, 2011, p. 63-64).

humanos nela inseridos. A sexualidade está presente nos mais diversos momentos, sentidos e ações do cotidiano humano, muitas vezes passando despercebida, já que existe uma limitação do conceito de sexualidade às relações sexuais, muitas vezes deixando-se de lado fatores como a condição e identidade de gênero, as relações de gênero (e como elas se estabelecem pautadas no sistema patriarcal), a autoestima, a autoconfiança e a maneira de se relacionar com o mundo. A cisnorma⁶ é um grande pilar de sustentação dos padrões sexuais, criando e mantendo uma binaridade de gênero (homem ou mulher como únicas opções de gênero, definidas com base nas características biológicas relacionadas principalmente a aspectos da reprodução) que suporta tantos outros pontos da sexualidade e os preconceitos com as pessoas que não cabem nesse sistema binário da ordem vigente. Essa dominação colonial cisgênera define portanto a própria cisgeneridade como identidade legítima na nossa sociedade, marginalizando as identidades transgêneras e não-cisgêneras, que precisam lutar para resistirem a essa colonização. As identidades trans, transgêneras ou não-cisgêneras podem ser entendidas como “[...] o conjunto de individualidades cujas identidades ou expressões de gênero sejam, em diferentes graus, deslegitimadas em relação às normas cisgêneras dominantes.” (SIMAKAWA, 2012, p. 6-7).

Muitas noções e interpretações acerca da sexualidade, que foram construídas sócio-historicamente na nossa sociedade, são pautadas em visões reducionistas e biologizantes. Essas visões limitam a expressão sexual do ser humano ao que é tratado como natural e inevitável, o determinado pela biologia da espécie e do ser, como a heterossexualidade, por exemplo, deixando de lado elementos históricos e sociais que foram fundamentais para o que se tem hoje estabelecido em relação à sexualidade. Ocorre uma tentativa de agrupar e reduzir as muitas expressões de sexualidade e gênero em algumas poucas

⁶ Cisnorma: “O conceito cisnorma foi pensado a partir da utilização do termo cisgênero, a data de sua aparição é incerta. Cisgênero é uma palavra cunhada na década de 1990 e difundida no ciberativismo (ativismo realizado pela internet) principalmente por pessoas trans e não binárias. Designa pessoas que se identificam única e exclusivamente com o sexo/gênero que lhes foi atribuído ao nascimento. A junção de cisgênero a palavra norma evidencia a legitimidade que é atribuída pelos saberes e poderes que regulamentam e normalizam a sexualidade, como a religião, a biomedicina e o direito.” (BONASSE, 2017, p. 19-20)

categorias, passando-se por cima das diferenças e especificidades dos seres:

Essa homogeneidade sexual, nessa linha de raciocínio, não tem mais lugar, pois o que pretendo é justamente desestabilizar os elementos já arraigados culturalmente e proporcionar uma nova dimensão das potencialidades que o poder da sexualidade pode provocar nas pessoas e seus grupos. Os contratos sociais sobre essas sexualidades únicos e impositivos são redimensionados para contemplar um sujeito real, com vontades, desejos e tensões que precisam ser legitimados para que possam ir ao encontro da satisfação e realização pessoal. Os processos e contextos que os sujeitos foram trilhando, como na escola, compõem suas identidades. (SALES, 2012, p. 12)

Desta forma, com a construção do que é dito normal e natural, são criados olhares preconceituosos e que tratam como desviante e doente aquilo que não se enquadra nos padrões, gerando-se marginalizações, silenciamentos, exclusões das pessoas com sexualidade desviante das normas de espaços importantes e das tomadas de decisões político-sociais de diversas esferas.

2.2 AS MULHERES

“A História mostrou-nos que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos; desde os primeiros tempos do patriarcado julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como Outro.”

Simone de Beauvoir

Os corpos tidos como femininos de acordo com o sistema binário de gênero (corpos de mulheres-cis - aquelas que se identificam com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer - e outras pessoas nascidas com clitóris) são historicamente os que têm sua sexualidade mais explorada, em benefício de grupos dominantes (através, por exemplo, da pornografia tradicional - produção audiovisual de exploração da sexualidade feminina normalmente pensada sob uma perspectiva do prazer e da dominação masculinas). Esses corpos são mercantilizados e submetidos a normatizações e objetificações, o que se observa, por exemplo, através da forte presença de padrões rígidos de beleza feminina nas mídias e das representações extremamente sexistas, que delimitam e naturalizam comportamentos e funções aos gêneros - como o papel de dona de casa reafirmado para mulheres (quando estas são, na maioria das vezes, as pessoas retratadas em comerciais de produtos de limpeza).

Entretanto, o principal órgão relacionado à sexualidade e ao prazer desses corpos, o clitóris, é pouco representado ou discutido nos meios de comunicação, não sendo explorada sua completa anatomia nos livros didáticos, normalmente estudada sem aprofundamento nas Escolas e Universidades (particularmente, eu não tenho nenhuma lembrança de aprender sobre o clitóris em nenhum espaço formal ou informal durante minha vida - até ir com minhas amigas em busca de mais informações, raramente disponíveis). De acordo com Rago (2002):

A revista *Nova*, publicada pela Editora Abril a partir de 1972, destinada a mulheres da classe média urbana, divulgava a recente e importante descoberta: as mulheres tinham, sim, orgasmo, e este era sobretudo clitoriano, não apenas vaginal.

O clitóris, órgão pouco falado e pouco conhecido mesmo entre as mulheres, fazia sua portentosa aparição de certo modo assustadora para os homens: os holofotes punham em cena o pequeno órgão que havia passado tão despercebido e desconsiderado, por tanto tempo, pelos dois gêneros. (RAGO, 2002, p. 182)

Nas famílias e demais meios sociais os assuntos clitorís, masturbação e prazer das pessoas que nasceram com esse órgão não é tópico comum de conversas (embora já seja possível observar mudanças e uma representatividade que vem crescendo nas artes e no ciberativismo, por exemplo). A sexualidade e independência sexual dessas pessoas é ainda mais proibida. Inclusive, em diversas culturas africanas, países asiáticos e sul-americanos, realiza-se a ablação clitoriana, prática à qual são submetidas pessoas ainda muito jovens onde sofre mutilação total ou parcial de seu clitóris e genitália externa para que as mesmas não experienciem prazer sexual e orgasmo (FERNÁNDEZ, FERNÁNDEZ & CASTRO, 2018). A ablação clitoriana é um exemplo da violência histórica e cultural que sofremos. É importante destacar também que essa violência cultural presente em povos latino-americanos e africanos não representa as únicas violências contra a vulva e clitóris nas sociedades. Tantas outras formas existem de violentar esses corpos, inclusive em países considerados desenvolvidos, por exemplo na Inglaterra, onde existe uma forte pressão estética sobre a região da vulva, o que tem ocasionado inúmeros casos de buscas por cirurgias estéticas para por exemplo redesenhar e diminuir o volume dos lábios vaginais. Essa situação têm levantado várias discussões inclusive na área das artes, a exemplo da obra *Great Wall of Vagina* (Grande Mural das Vaginas, 2011), do artista britânico Jamie McCartney, que realizou com diversas pessoas que possuem vulva uma modelagem em gesso desses órgãos, expondo os moldes em um grande muro para representar a diversidade anatômica desse órgão e assim chamar atenção para a opressão e violência causadas pelas pressões e padrões estéticos. Nos comunicarmos, estudarmos e escrevermos nossa própria história, inclusive através da arte, é uma das maneiras de reagirmos e combatermos o sistema que nos oprime. Precisamos nos unir, fortalecer e estarmos preparadas para juntas nos protegermos e nos defendermos de tudo que nos violenta e nos mata, ocupando um lugar ativo nessa luta por liberdade, por justiça e em prol da vida de todas nós:

É fundamental que abandonemos a posição de vítima - mesmo quando o estado, a polícia, o branco, o homem cis tem historicamente demonstrado a sua incapacidade de abandonar a posição de agressor. Não há saída se não aceitar de uma vez por todas que fomos inscritas numa guerra aberta contra a nossa existência e que a única forma de sobreviver a ela é lutar ativamente pela vida. (MOMBAÇA, 2016, p. 14)

Assim como o clitóris, as donas dos corpos que nasceram com ele também foram ocultadas ao longo da história das sociedades. Durante essa história certamente houve momentos de ações para o questionamento e enfrentamento à opressão sofrida por este grupo, mas é ao século XIX que está relacionado o surgimento do movimento feminista como luta social e organizada no Ocidente (LOURO, 1997). O feminismo passou por diversas fases e modificações, ganhando bastante visibilidade com o sufrágismo, movimento que lutou para que as mulheres ganhassem direito ao voto em diversos países. Com o passar do tempo, mais pautas foram sendo acrescentadas à luta feminista de acordo com os contextos políticos, culturais, locais e com as diferenças étnicas, de classes sociais, de identidade de gênero e orientação sexual, desdobrando-se e se manifestando de acordo com as diversas realidades em que se encontravam. O desenvolvimento do feminismo ao longo da história resultou em diversos braços distintos que muitas vezes divergem entre si (anarcofeminismo, feminismo social, trans-feminismo, feminismo radical, feminismo negro, feminismo interseccional, etc.) mas é possível considerar como pontos gerais de intersecção entre esses diferentes tipos de feminismo a luta pela igualdade entre gêneros e o combate à violência e opressão. Soma-se a isso a luta pela libertação sexual das mulheres e pessoas trans (travestis, homem trans, mulher trans ou pessoas trans-não binárias).

Para que a luta pela libertação sexual seja fortalecida é preciso que as pessoas conheçam seus corpos. A sociedade patriarcal é falocêntrica, sendo o falo símbolo dos privilégios concedidos aos homens desde crianças (BEAUVOIR, 1970, p. 64), exercendo sobre o corpo que não possui um pênis opressão e silenciamento, com base nessa diferença biológica. Então, é essencial a discussão e estudo sobre o clitóris e todos os aspectos biológicos, psicológicos, culturais, históricos e sexuais que o envolvem.

2.3 O CLITÓRIS

“[...] ao mesmo tempo que se ocultaram órgãos implicados no prazer feminino, negou-se também a sexualidade feminina e converteu-se a mulher num ser orientado à reprodução, não legitimado para gozar do seu corpo.”

Fernandéz, Fernandéz & Castro

O clitóris, único órgão humano cuja existência está totalmente voltada para o prazer, é formado por uma região externa e uma interna, embora tenha sido por muito tempo sub- representado por uma pequena estrutura - demonstrado pela sua glândula apenas (que junto com o prepúcio formam as estruturas externas do órgão, sendo que a maior parte da sua estrutura está no interior do corpo). Apesar de ser tão importante para a sexualidade e o prazer, muitas descobertas sobre a anatomia e as funções do clitóris foram feitas apenas recentemente, diferentemente do seu órgão homólogo, o pênis. Ao longo da história, as representações e estudos sobre o clitóris foram poucos e controversos, tendo sido comparado por muito tempo, e provavelmente em muitas situações ainda hoje, ao pênis, como sendo simplesmente uma versão menor deste⁷ - já desde os seus primeiros estudos científicos do século XVI e aparições nesse meio. Embora suas primeiras documentações (de séculos atrás) estejam relacionadas a escritores Gregos, Persas e Árabes, o descobrimento do clitóris pela Ciência Moderna, em 1559, é atribuído aos cientistas Realdo Colombo e Gabriele Falloppio (MAZLOOMDOOST; PAULS, 2015). Os bulbos, a crura, o corpo do clitóris e os ligamentos suspensórios são as principais partes internas do clitóris (Figura 1). De acordo com Mazloomdoost e Pauls (2015), o bulbo, estrutura que durante a atividade sexual e excitação aumenta de tamanho devido ao crescimento da vascularização na região, pode ir de 3-4cm para 7cm de comprimento, sendo talvez responsável pela lubrificação vaginal. A raiz clitoriana também é uma importante região, sendo a unificação de todas as estruturas eréteis do clitóris, com alto nível de resposta à estimulação direta. Essas informações contrariam conceitos bastante divulgados em meios de divulgação científicos e informativos sobre a saúde, sexualidade e reprodução, a exemplo de um

⁷ Por exemplo em: “O Clitóris é uma miniatura do pênis masculino. Como este, é um órgão erétil.” Frase acessada em *Aula de Anatomia*, disponível em <http://www.auladeanatomia.com/novosite/sistemas/sistema-genital/sistema-genital-feminino/orgaos-externos/>, visitado em 13/06/2017.

Manual de Higiene Sexual, escrito pelo médico Olavarrieta e publicado em São Paulo em 1929, com o intuito de informar principalmente homens sobre aspectos da fisiologia humana e prazer sexual. Nesta publicação foi afirmado que o clitóris não aumentava de volume (atingia a tumescência) como acontece com o pênis, sendo esse inclusive o motivo para que a ‘mulher’ não “[...] precisa se socorrer da cópula, para conseguir o fenômeno oposto, isto é, da detumescência.”, justificando no aspecto fisiológico da ereção peniana a necessidade e o direito do homem à cópula. O clitóris foi retirado dos textos médicos no período de 1950-1970, sendo na década de 1970 um período de mais um redescobrimiento do órgão (conhecido como revolução clitoriana) por influência dos movimentos feministas que se fortaleciam e cresciam naquele momento; questões sobre a independência e libertação sexual da mulher/pessoas que têm clitóris começaram a se intensificar e popularizar nessa época (RAGO, 2012).

Sua primeira descrição completa foi feita apenas em 1998, por Helen O’Connell e colegas (chefe do departamento de urologia do Royal Melbourne Hospital, Austrália) (O’Connell *et al.*, 1998). Este órgão tem entre 6000 e 8000 terminações nervosas na sua extremidade, estrutura de grande sensibilidade que responde a estímulos com sua ereção, conduzindo ao prazer sexual, sendo a região mais sensível do corpo humano (FERNÁNDEZ; FERNÁNDEZ; CASTRO, 2013, p.24).

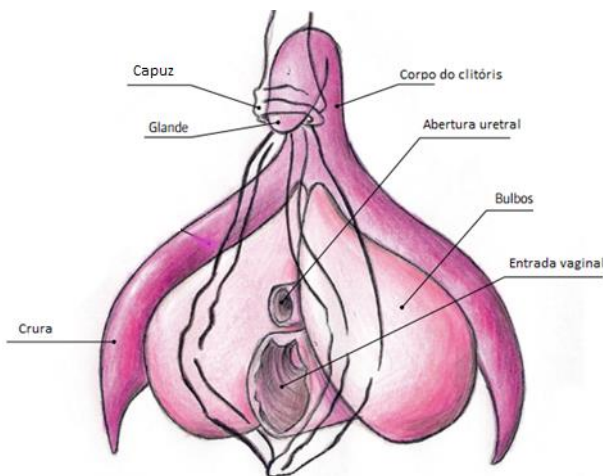


Figura 1: Imagem modificada a partir de *Segredos do Clitóris*, 2013 - Universidade de Vigo.

Helen O'Connell demonstrou em seu trabalho de 1989 que a estrutura interna do clitóris vinha sendo representada de maneira errônea nos manuais de anatomia até então, destacando, por exemplo, o tamanho dos bulbos vasculares (muito maiores do que se divulgava nos poucos trabalhos sobre estudos anatômicos do clitóris). Os bulbos são ricamente vascularizados e se enchem de sangue durante a excitação, assim como a glândula do clitóris (é portanto o clitóris, e não a vagina, o órgão homólogo ao pênis). Desta forma, a glândula (parte externa e geralmente a única vinculada a este órgão) é apenas uma pequena parte da estrutura completa. Em trabalhos posteriores demonstrou-se que o clitóris não é um órgão inerte, pelo contrário: ele apresenta uma dinamicidade, podendo mover-se e aumentar algumas vezes de tamanho, como consequência de excitação sexual e estímulos (FOLDES; BUISSON, 2009). São necessários estudos mais aprofundados que relacionem o clitóris com as outras estruturas do sistema uro-genital e a saúde. Por exemplo, é sabido que existe uma aproximação entre clitóris e uretra, que pode relacionar-se a infecções e outras desordens clínicas dessa região.

Em “*O Clitóris e seus Segredos*” (FERNÁNDEZ; FERNÁNDEZ; CASTRO, 2013) as autoras discutem sobre a origem do orgasmo. Segundo elas, não existem dois tipos de orgasmo, o vaginal e o clitoriano - maduro e infantil, mas apenas um: o orgasmo de origem clitoriana, resultando da estimulação direta e indireta deste órgão. O orgasmo ou prazer sexual vaginal foi, portanto, durante tanto tempo, uma imposição da sociedade patriarcal, por representar uma falsa dependência à relação sexual com penetração, com o falo, para alcançar o ápice do prazer sexual (concepção, inclusive, bastante lesbofóbica/bifóbica para com mulheres cis que se relacionam entre si e também pessoas trans que não expressam sua sexualidade segundo os padrões cis-heterossexuais de relações e comportamentos sexuais).

Na nossa sociedade, o pênis possui muita mais representatividade do que o clitóris, mesmo sendo estes órgãos homólogos. O clitóris teve sua anatomia completa divulgada muito recentemente, por O'Connell e colegas em 1989 e o seu primeiro modelo impresso em 3D foi produzido apenas em Abril de 2016, na França, por Odille Fillod. O projeto de utilização deste modelo no ensino ganhou apoio do Ministério da Educação da França e o modelo digital é disponibilizado gratuitamente na internet para as escolas (DIAS, 2016).

Como educadoras em Ciências e Biologia, áreas que são muito favoráveis e tradicionalmente relacionadas às discussões sobre

sexualidade, é indispensável analisarmos e repensarmos os fatores históricos que influenciaram a construção da sexualidade humana e das masculinas e feminilidades, bem como suas interações. Como nos explica Louro (2011):

Pela lógica dicotômica que vivemos, os discursos e as práticas que constituem o processo de masculinização implicam a negação de práticas ou características referidas ao gênero feminino e essa negação se expressa, muitas vezes, por uma intensa rejeição ou repulsa dessas práticas e marcas femininas (o que caracterizaria, no limite, a misoginia). Uma vida sexual ativa – leia-se uma vida heterossexual ativa – parece ser um elemento recorrente na representação da masculinidade (não acontecendo o mesmo em relação à feminilidade). (LOURO, 2011, p. 67)

Essas marcas de feminilidade mudam entre as culturas e períodos históricos constantemente, constituindo-se em referência às marcas masculinas, e vice-versa. Os papéis atribuídos aos diferentes gêneros bem como as práticas e comportamentos também podem se alterar ao longo do tempo e é possível, através de muita luta e diálogo, transformar a visão que se tem a respeito da sexualidade das pessoas com clitóris e combater as injustiças e violências que essas pessoas sofrem.

Apesar da vulva não ser o órgão homólogo ao pênis e nem o principal órgão de prazer feminino (em relação ao orgasmo, que é proveniente do clitóris) o seu conhecimento e visibilidade também é de grande importância, bem como repensar como essa região do corpo é geralmente representada nos livros didáticos e quais estereótipos e discursos deterministas também são veiculados através da visibilidade que se dá (ao não) a este órgão e os aspectos que usualmente são mostrados (podemos problematizar a ausência ou escassez dos pelos pubianos, bem como os órgãos comumente representarem corpos de pessoas brancas). O clitóris é indicado apenas com uma seta na sua porção externa. Seria ideal que tanto a vulva e vagina quanto o clitóris fossem representados e que a estrutura interna do clitóris fosse mostrada nos livros (nos anexos deste trabalho encontram-se algumas representações de vulvas feitas pelas participantes da pesquisa, em referência às representações usuais deste órgão nos livros didáticos de Biologia e Ciências).

2.4 A CIÊNCIA

“A ciência é coisa linda, deliciosa, desejável, lugar do conhecimento, eu não poderia viver sem ela. Mas, como a maçã, ela tem um poder enfeitiçante. À medida que dá conhecimento de um lado, ela retira conhecimento do outro. Volto ao Manoel de Barros: “A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá, mas não pode medir os seus encantos.”

Rubem Alves - 1999, O que é científico III

A Ciência é uma maneira de ver e explicar o mundo que desenvolveu-se baseada em um pensamento antropocêntrico, racionalista, que aprendeu a dominar e utilizar a natureza de maneira a acelerar o seu progresso. A Ciência e as pessoas que a fazem são atravessadas e influenciadas por diversos fatores sociais, conduzindo a uma manutenção de interesses e pensamentos desses grupos dominantes que sustentam a própria Ciência e outros pilares sociais, como a política e a economia. Desta forma, é possível questionarmos a neutralidade da Ciência e a noção de que é através do método científico e dos esforços da comunidade científica que alcançamos a verdade e o progresso da humanidade. Muitos saberes, outras formas de ver e explicar o mundo, são subvalorizadas em relação à Ciência, carregada de e por um colonialismo do saber que acaba determinando e fundamentando o que é natural e o que não é, o que é ser homem/ser mulher, o que é ser saudável e o que é ser doente, quais conhecimentos e sujeitos são legítimos e quais não são. A partir desse pensamento, podemos concluir então que a ciência é uma produção cultural, que está em nossos cotidianos e, visivelmente, carregada de interesses e relações de poder (GOMES, 2016). Muitas noções relativas a corpo, gênero e sexualidade são produzidas e afirmadas pela Ciência, através, por exemplo, do determinismo biológico.

Como aponta Andrade (2011), o determinismo biológico contemporâneo teve sua base no pensamento de que características da nossa espécie obedeciam leis físicas e matemáticas a partir de modelos explicativos reducionistas e se faz presente em diversos estudos científicos em áreas como Genética e Neurociências. O determinismo biológico sobre sexualidade se expressa em constantes esforços para explicar de forma científica e biológica aquilo que é tido como normal, natural, saudável, fundamentado nas características biológicas dos seres.

Nessa visão reducionista e limitadora da sexualidade, que se esforça em controlar os indivíduos e suas subjetividades, aquilo que não se enquadra na sexualidade padrão é excluído e patologizado.

Fundamentar o ontológico no biológico é a mesma coisa que tentar conter num simples balão todo o ar que circula dentro de uma casa. Tanto ar só pode ser contido num espaço tão pequeno à custa de uma perigosa e altíssima taxa de compressão e é exatamente assim que o gênero permanece ancorado ao aparelho genital humano: à custa de um grau incalculavelmente alto de repressão, recalque e controle externo dos indivíduos. É graças a esse permanente controle externo sobre os indivíduos que as fronteiras do ser passam a ser delimitadas pelas fronteiras do próprio organismo. Considerando as naturais limitações do biológico frente às infinitas possibilidades do ser humano, essa demarcação do território existencial só é possível mediante uma pressão permanente sobre o indivíduo para que ele nunca manifeste livremente a sua verdadeira natureza.

[...] é isso que a sociedade tem feito com as pessoas, reduzindo a enorme complexidade do ser humano ao seu sistema reprodutivo, arbitrariamente eleito não apenas como representativo, mas como determinante do próprio todo. (LANZ, 2016, p. 207)

A heteronormatividade é entendida como a compulsividade da norma heterossexual, no esforço para a sua reprodução, manutenção e fortalecimento nas práticas cotidianas, nas escolhas e nos discursos. Essas explicações são supostamente fundamentadas na Ciência, portanto, possuem um poder de convencimento e aceitação. A mídia e os meios de comunicação permitem a disseminação e afirmação dessas explicações “científicas” (consideradas verdades absolutas), produzindo significados e influenciando nossas vidas e visões de mundo (GOMES, 2016). Essas concepções que produzem um impacto social “frequentemente recebem a chancela da ciência, também podendo ser observado nas representações sociais de professores/as de biologia e consequentemente no ensino de biologia [...]”. (ANDRADE, 2011, p. 94). As diferenças entre os seres-humanos e as normas estabelecidas,

pela visão determinista da Ciência, se baseia e discursa com base em um olhar biológico, de bastante influência em estudos genéticos, para legitimar aquilo que considera verdade, porém, até mesmo o processo da construção do conhecimento científico é atravessado pelos fatores históricos, culturais e sociais que permeiam as sociedades e os sujeitos que produzem ativamente esse conhecimento. Portanto, podemos considerar que mesmo as diferenças e aspectos ditos simplesmente biológicos carregam também sentidos sociais e estão em constante mudança, assim como o conhecimento científico como um todo e a própria cultura, que é aberta e constantemente renovada:

O sexo de um corpo é simplesmente complexo demais. Não existe ou isso ou aquilo. Antes, existem nuances de diferença, [...] rotular alguém homem ou mulher é uma decisão social. Podemos utilizar o conhecimento científico para nos ajudar a tomar a decisão, mas só nossas crenças sobre o gênero – e não a ciência – podem definir nosso sexo. Além disso, nossas crenças sobre o gênero também afetam o tipo de conhecimento que os cientistas produzem sobre o sexo. (FAUSTO-STERLING, 2011, p. 15)

Como exemplo da ação do conhecimento e discurso científico de base determinista-biológico, podemos citar a visão científica sobre as pessoas intersexuais, que nascem com características - não apenas genitais - que fazem com que a designação de seu gênero seja dificultada, tendo em vista a tradicional rotulação binária de gênero (homem ou mulher, com base nas características sexuais). As características são biológicas, naturais de cada pessoa pois nasceram com elas, porém, a classificação binária de gênero é algo social, criado, determinado, que reduz o amplo e complexo espectro da sexualidade humana a principalmente propriedades genéticas (cariótipo dos cromossomos sexuais: XX = mulher; XY = homem) e anatômicas (aparência dos órgãos genitais - vulva = mulher; pênis = homem). Então, quem nasce com características genéticas ou anatômicas que fazem com que a classificação se torne confusa ou que seja impossível encaixar em alguma das duas classificações (por exemplo, casos de síndromes cromossômicas ligadas ao par de cromossomos sexuais ou manifestação de genitália ambígua), é considerada uma monstruosidade científica, um caso de “erro” da biologia, uma patologia que é tratada como aberração e/ou é submetida a tentativas médicas de adequação ao binarismo de

gênero (pois parece mais fácil mudar a natureza de alguém, fazendo-a acreditar que o seu corpo está errado - já que não se adequa às normas criadas pela ciência - do que modificar o pensamento científico vigente sobre sexo biológico⁸ e as condições de gênero) - através de cirurgias de remodelação dos órgãos genitais, remoção de testículos, tratamentos hormonais, etc. - muitas vezes ainda na infância e sem consentimento dessas pessoas (como é comentado no vídeo *What It's Like To Be Intersex*, 2015, disponível no YouTube). Eu acredito que o sistema binário de classificação de gênero é que é extremamente limitado, simplista, e não consegue e nunca conseguiu englobar a variedade biológica de seres e as suas complexas combinações que resultam nas características sexuais, que vão muito além de aspecto da genitália e capacidade reprodutiva. Portanto, nem do ponto de vista social nem do biológico é simples e possível classificar as pessoas em dois sexos ou dois gêneros apenas (TAVARES, 2018). Sobre os preconceitos e normatizações sobre corpos intersexuais Fausto-Sterling nos traz a seguinte reflexão:

O progresso médico de uma pessoa, porém, pode ser a disciplina e controle de outra. Intersexuais como Maria Patiño têm corpos refratários – até heréticos. Eles não cabem naturalmente em classificações binárias; só o instrumento cirúrgico pode fazê-los caber. Mas por que deveríamos nos importar se uma “mulher” (definida como tendo seios, vagina, útero, ovários e menstruação) tiver um “clitóris” suficientemente grande para penetrar a vagina de outra mulher? Por que importar-nos se existirem indivíduos cujo “equipamento biológico natural” lhes permita fazer sexo “naturalmente” tanto com homens quanto com mulheres? Por que

⁸ Neste trabalho, eu uso a expressão *sexo biológico* para referir ao sexo atribuído pela medicina e pela ciência às pessoas, no momento do nascimento, com base sobretudo na anatomia da genitália externa. Mas entendo que mesmo do ponto de vista biológico a definição de sexo não é assim tão simplória, pois diversos aspectos biológicos se relacionam à sexualidade de um ser, como fatores cromossômicos, hormonais e da estrutura da genitália interna também. A exemplo das pessoas intersexo, cujas características sexuais tornam sua classificação ambígua e desafiam o binarismo de gênero de base determinista biológico, a classificação em apenas dois sexos (masculino ou feminino) não é algo tão limitado e simples, e portanto nem do ponto de vista biológico “sexo” é facilmente conceituável e delimitado.

amputar ou esconder cirurgicamente aquela “ofensiva haste” encontrada num clitóris particularmente grande? A resposta: a fim de manter as divisões de gênero, precisamos controlar aqueles corpos que são tão refratários que chegam a apagar as fronteiras. Como os intersexuais literalmente corporificam os dois sexos, contribuem para enfraquecer as afirmações sobre diferenças sexuais. (FAUSTO-STERLING, 2011, p. 27)

É a partir desse discurso determinista biológico que as mulheres são inferiorizadas (quando julgadas - e ensinadas a acreditar que realmente são - mais fracas, menos racionais, frágeis, dependentes, limitadas à função reprodutiva e a vida doméstica-familiar) e se dão as relações injustas de gênero, onde homens estão dominantes em relação às mulheres. Não existem determinantes biológicas, genéticas ou neurocientíficas para os papéis de gênero, para os comportamentos e ideais de vida dos diferentes gêneros. Podemos observar que existem diferenças biológicas entre os sexos e entre os corpos, que se relacionam de alguma forma com a sexualidade como um todo, mas estes não são os únicos que influenciam o aspecto sexual, comportamental e cognitivo dos seres humanos. Existem ainda todas as construções sócio-históricas, diferentes nas diversas sociedades e períodos históricos, que têm influência na construção das concepções e normas em relação à sexualidade. O que gera as injustiças sociais, o sexismo, o machismo e as discriminações em relação às pessoas LGBTQI+ (lésbicas, gays, travestis, transsexuais, *queer*, intersexuais e mais) não são essas diferenças biológicas, mas sim o que se fez (e quem fez) com estas, o que foi construído em cima das características naturais, e intencionalmente chamado de natural pela ciência, é que gera os limites entre o normal e o anormal, excluindo ativamente quem atravessa esses limites ou não cabe de maneira alguma. Talvez todas nós, seres-humanos, distribuídos ao acaso através de um vasto espectro sexual, nunca tenhamos realmente encaixado de maneira plena nos rótulos científicos, já que estes precedem as nossas origens e desenvolvimento social, e perante o tamanho da diversidade, inclusive sexual, na nossa espécie. Como é possível, de uma maneira tão simplista, acomodar sem erros todas as pessoas em apenas dois grupos quanto à sua sexualidade? Parece-me pretensioso e desnecessário esse esforço.

O posicionamento determinista não está restrito ao campo biológico, podendo ocorrer por exemplo no campo das Ciências Sociais, quando assume as construções sociais como únicos fatores relevantes na constituição do ser, desconsiderando aspectos biológicos do comportamento e cognição humana. Portanto é necessário que haja um diálogo interdisciplinar entre todas essas áreas no que diz respeito aos estudos de gênero e sexualidade.

2.5 A ESCOLA

“Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras.”

Guacira Lopes Louro, 2000

A educação sexual está presente nas escolas por meio de diversas representações e concepções e pode ser tratada com influência de diferentes abordagens. De acordo com Furlani (2011), a educação sexual contemporânea é marcada por rupturas e divergências, também por articulações entre algumas das 8 abordagens observáveis na escola. Dentre as apresentadas pela autora, destaco a biológica-higienista, sobre a qual me debruço neste trabalho, principalmente. Para Furlani (2011), a abordagem biológica-higienista:

Costuma conferir ênfase na biologia essencialista (baseada no determinismo biológico) e é marcada pela centralidade do ensino como promoção da saúde, da reprodução humana, das DSTs, da gravidez indesejada, do planejamento familiar, etc. Por manter inquestionáveis as premissas acerca do determinismo biológico, considera as diferenças entre homens e mulheres decorrente dos atributos corporais – o que contribuiu (e contribui) tanto para “naturalização” das desigualdades sexuais e de gênero quanto para a formulação dos enunciados que hierarquizam essas diferenças (por exemplo, premissas machistas, sexistas, misóginas e homofóbicas). (FURLANI, 2011, p. 16)

Também relaciono com os aspectos discutidos nesse trabalho, além da abordagem biológica-higienista, a abordagem moral-tradicionalista, que representa uma educação sexual mais repressora, negativa quanto aos aspectos da sexualidade. Essa abordagem trata a sexualidade como algo que deve ser coibido, através de concepções discriminatórias e na privação de informações. Acredito que exista um esforço para que se instale nas adolescentes e estudantes, através de abordagens como esta, uma noção atemorizada sobre a sexualidade,

receosa, limitada, como estratégia de controle sobre as liberdades e expressões sexuais dos jovens. Ainda de acordo com Furlani (2011), grupos que têm reivindicado o direito das identidades sexuais subordinadas têm causado incômodo entre grupos conservadores, como por exemplo entre os de abordagem religiosa-radical, pois estes se sentem ameaçados, sendo suas estruturas baseadas numa configuração tradicional de família, expressões sexuais e papéis tradicionais de gênero. Grupos como movimentos feministas, gays, lésbicas, travestis e transexuais têm lutado inclusive no espaço escolar por seus direitos, enquanto os grupos tradicionais tentam minimizar e, por vezes, ridicularizar as conquistas obtidas por essas minorias.

Em 1997, a Orientação Sexual foi estabelecida como um tema transversal nos Parâmetros Nacionais Curriculares (normas orientadoras do planejamento curricular de escolas e sistemas de ensino brasileiros). O documento “*Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética*” (BRASIL, 1997) indica que a Orientação Sexual enquanto tema transversal deve ser entendida como: “[...] um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados.” (BRASIL, 1997, p. 28). Os temas transversais abordam diferentes valores sobre cidadania, que devem permear materiais e práticas das disciplinas já existentes, transversal e interdisciplinarmente, apontando para uma educação que tenha a cidadania como eixo de sustentação e que contribua para o desenvolvimento de conhecimentos que permitam uma maior participação e transformação social. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais para as Ciências Naturais (1997):

A sexualidade humana deve ser considerada nas diferentes fases da vida, compreendendo que é um comportamento condicionado por fatores biológicos, culturais e sociais, que tem um significado muito mais amplo e variado que a reprodução, para pessoas de todas as idades. É elemento de realização humana em suas dimensões afetivas e sociais, que incluem mas não se restringem à dimensão biológica.

Tão importante quanto o estudo da anatomia e fisiologia dos aparelhos reprodutores, masculino e feminino, a gravidez, o parto, a contracepção, as formas de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis, é a compreensão de

que o corpo humano é sexuado, que a manifestação da sexualidade assume formas diversas ao longo do desenvolvimento humano e, como qualquer comportamento, é modelado pela cultura e pela sociedade. Esse conhecimento abre possibilidades para o aluno conhecer-se melhor, perceber e respeitar suas necessidades e as dos outros, realizar escolhas dentro daquilo que lhe é oferecido. (BRASIL, 1997, p.4)

A criação de uma base comum para a Educação Básica brasileira, prevista desde 1988 em nossa Constituição, se deu através da homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2017 - a ser implementada nas escolas entre 2019 e o início do ano letivo de 2020 - sendo sua necessidade reforçada na Lei de Diretrizes e Bases (LDB, Lei nº 9.394/1996). A BNCC é um documento de ordem normativa que define os conhecimentos essenciais que todas as estudantes da Educação Básica têm direito ao acesso (BRASIL, 2018), de acordo com as diferentes áreas do conhecimento. Conforme a BNCC, uma das competências específicas das Ciências Naturais é

Construir argumentos com base em dados, evidências e informações confiáveis e negociar e defender ideias e pontos de vista que promovam a consciência socioambiental e o respeito a si próprio e ao outro, acolhendo e valorizando a diversidade de indivíduos e de grupos sociais, sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018, p. 322)

Dentro da escola, o assunto sexualidade - bem como as relações e papéis de gêneros - está presente de diferentes maneiras nos diversos âmbitos escolares: nos conhecimentos discutidos em sala de aula, nas brincadeiras dos momentos de lazer, nos exercícios físicos das aulas de Educação Física, nas conversas, nos livros, nas atividades realizadas (ALTMANN, 2011). A Escola é um ambiente com enorme potencial para que sejam trabalhadas questões sobre corpo, prazer, auto-conhecimento, saúde e sexualidade, principalmente sendo as fases da infância e adolescência momentos onde naturalmente estas questões são afloradas e vivenciadas. Portanto, mesmo não sendo a Escola o único ambiente educativo dessas crianças e adolescentes, ela tem um papel importante na manutenção dos papéis de gênero e os estereótipos de

menina e menino, bem como acaba por poder reforçar sexismo e cis-heteronormas nas suas práticas e discursos, sendo de muita relevância para a construção da identidade do ser.

Todas as instâncias e meios que frequentamos possuem - por estarem inseridos dentro do mesmo sistema dominante - o potencial de favorecer a vigilância e moralismos impostos sobre os corpos e modos de vida, bem como reforçar os preconceitos e injustiças já existentes. A Escola e o ensino de Ciências se enquadram como esses meios de reflexo dos preconceitos da sociedade, portanto, suas discussões e práticas devem ser problematizadas e repensadas em favor de uma educação não-sexista e não-lgbtfóbica, caminhando para a justiça e a paz social. Situações de preconceito contra as diversas sexualidades são frequentes entre crianças e adolescentes dentro das escolas, o que gera grande influência no desenvolvimento dessas pessoas - já que a infância e adolescência são momentos da vida de muita descoberta sobre quem se é e quem se quer ser, quem se gosta e do que se gosta, de insegurança com o corpo. Portanto, a Escola reproduz e afirma diversas concepções sobre o corpo, sexo e prazer aprendidas pelas estudantes, que no espaço escolar modificam as relações construídas consigo mesmas e com as outras pessoas. As práticas das instituições escolares buscam uma naturalização destas concepções, marcadores de gêneros e comportamentos, embora estes sejam aspectos sociais e construídos. (LOURO, 1997). Assim, contribuem para a manutenção da desigualdade entre gêneros e exclusão das sexualidades desviantes da norma.

A partir de uma análise dos currículos escolares é possível analisar as estratégias de controle e poder da Escola na educação das crianças e adolescentes, inclusive no que diz respeito à sexualidade. O currículo escolar pode expressar - mais explicitamente ou nas suas intenções e concepções mais ocultas - essas estratégias e mecanismos de ensino. Então, o que está oculto, silenciado ou ignorado também exerce influência - o silêncio também tem uma mensagem a transmitir, assim como os conteúdos -, assim como quem e como os transmitem, e o que é deixado de fora desse processo educativo. Sobre a concepção de sexualidade nos currículos de ciências, Macedo (2007) explica que:

De forma geral, pode-se dizer que, nos currículos de ciências, a definição das formas de experienciar a sexualidade é, no entanto, função das diferenças individuais homem/mulher, tal como apresentadas, e está, majoritariamente, relacionada à ideia da reprodução. Trata-se de um

modelo tipicamente masculino, em que o prazer sexual está biologicamente associado à reprodução. A ênfase na perspectiva instintiva do sexo, tratado como mais uma necessidade do corpo biológico, expressa uma visão pós-darwiniana do final do século XIX, na qual os fenômenos humanos podiam ser explicados tendo por base forças biológicas características das espécies. Em versões mais modernas, os currículos de ciências se utilizam de conceitos como hormônios e genes, mas continuam marcando a biologia como a base dos comportamentos humanos. Mantém-se a linguagem dos instintos. (MACEDO, 2007 p. 52)

Proponho que pensemos também a respeito do papel da mulher (esta que nasceu com sistema ovariano e é tratada como mulher pela Ciência e mais do que isso, como “máquina” de reprodução e perpetuação da espécie). O que a escola e os currículos dizem que eu posso ou não fazer sendo mulher? E os meninos, o que eles podem fazer? Para além das estruturas curriculares e de ensino atuais - que reproduzem sexismos - é necessário pensarmos no processo histórico da constituição da educação formal no nosso país, o quanto e como as mulheres e meninas brasileiras estiveram inseridas, representadas e valorizadas nesse processo. De acordo com Andrade (2011) foi apenas no início do século XIX que as primeiras escolas femininas do Brasil foram criadas (Lei de 15 de Outubro de 1827), enquanto meninos já eram educados desde o século XVI, quando sequer se discutia o envolvimento das meninas no processo educativo. As coisas já começam injustas e desiguais para as meninas desde aí. A falta de representatividade de mulheres na Ciência e na Tecnologia, por exemplo, também afeta o desenvolvimento dessas pessoas, que crescem aprendendo que são destinadas a cumprir papéis diferentes dos meninos, papéis que tradicionalmente têm menos credibilidade e valorização na nossa sociedade. O autor ressalta que “É preciso estar atento ao fato de que a ciência não está apenas em concordância com a ideologia capitalista, mas também com a ideologia patriarcal.” (ANDRADE, 2011). Quão diferentes seriam os percursos dessas pessoas na Ciência, na política, na história das sociedades, se elas tivessem sido educadas de uma maneira não-sexista e repressora, se tivessem tido as mesmas oportunidades?

As questões sobre transgeneridade não são comumente discutidas nas escolas, estando esse ambiente e o discurso científico baseado em uma classificação binária de gênero, com enfoque nos aspectos reprodutivos da sexualidade. O conhecimento biológico tradicionalmente discutido em sala de aula cria e mantém fortemente a cisnorma, apresentando concepções que passam a ser transfóbicas, já que determinam em cima de aspectos anatômicos o gênero e até mesmo o papel dos sujeitos de acordo com o tipo de “sistema reprodutivo” com que nasceram. Pesquisas como a da autora Jaqueline Gomes de Jesus (2013) discutem sobre a transfobia na escola e como as pessoas trans acabam sendo silenciadas e sofrendo marginalização através desse processo. De acordo com pesquisa realizada em 2012, em Salvador – BA (através de questionário online destinado a pessoas trans e veiculado por grupos de *Facebook* - ao qual responderam 48 pessoas), Jesus concluiu que:

[...] como as demais crianças, as que vivenciam a transgeneridade também reconhecem a sua “diferença”, porém, ante à dominância social de práticas e discursos que negam a possibilidade de se borrar a suposta invariância na relação entre sexo biológico e gênero, essas crianças, patologizadas e invisibilizadas, vivenciam o estranhamento de si como um obstáculo a ser enfrentado solitariamente, de maneira silenciada, e podendo ser somente retomada, a partir de um doloroso processo de autoaceitação, ao longo de anos ou décadas de amadurecimento psicoafetivo e intelectual. (JESUS, 2013, p.12)

A autora questiona em seguida se o sofrimento dessas crianças é necessário, inevitável. Eu busco questionar(-me) também, através desse trabalho, de que maneira o Ensino em Ciências e Biologia e a Ciência como um todo pode estar se repensando, se adequando de maneira a contribuir com a transformação dessa realidade. O que podemos mudar, em nós, na nossa linguagem, no nosso discurso, nas nossas práticas e pensamentos, naquilo que está ao nosso alcance no dia-a-dia escolar, para que se evite mais disseminação e sustentação de normas patologizadoras e excludentes?

É importante tratar de gênero e sexualidade nas escolas e no Ensino de Básico pois este muitas vezes é o único espaço para tais

discussões em todo o ensino básico e carrega muitos aspectos que devem ser problematizados e repensados. No que se refere aos estudos do corpo humano e sexualidade, o ensino de Ciências geralmente tem enfoque de forma fragmentada e isolada do contexto histórico-social, o que acaba por reforçar e incentivar a reprodução da heteronormatividade, do sexismo, da homofobia, da transfobia e tratamentos excludentes e patológicos das sexualidades desviantes. É importante que caminhemos para o desenvolvimento de uma linguagem científica, dentro e fora do ensino de Ciências, que seja não-sexista, não-transfóbica e não-determinista. A linguagem é absorvida e reproduzida, ao longo dos tempos, contribuindo para a perpetuação de ideias, por isso deve ser revisada e refletida continuamente, “procurando perceber o sexismo, o racismo e o etnocentrismo que ela frequentemente carrega e institui.” (LOURO, 1997, p.64). Por exemplo, nas aulas sobre os sistemas reprodutivos, o constante nomear dos corpos com sistema ovariano de “femininos” é em síntese uma abordagem transfóbica, tendo em vista que pode ser ofensivo para uma pessoa que se encontra naquele espaço, possui sistema ovariano, e não se identifica quanto mulher (mas sim quanto homem ou tem uma identidade de gênero não-binária ou ainda está em processo de auto-conhecimento e questionamento das normas de gênero) – e vice-versa, ao se tratar dos corpos com sistema testicular. O sexismo e o machismo também se evidenciam quando falamos de gravidez e os cuidados referentes à se evitar uma gravidez indesejada e até mesmo nos cuidados com a saúde da pessoa grávida – normalmente o enfoque da discussão está na “mulher” (pessoa que tem ovário), ausentando-se o homem desta responsabilidade e discussão (desde a análise do ciclo hormonal – ignorando-se a existência de um ciclo hormonal também nos corpos com sistema testicular); vejo essa abordagem quanto reforçadora de um estereótipo que apresenta o corpo com ovário como tendo a obrigatoriedade ou a principal função na reprodução, influenciando assim a visão que as pessoas têm do seu próprio corpo e sexualidade desde muito novas, e contribuindo para a perpetuação do determinismo biológico.

Em outra pesquisa realizada em Salvador - BA, com professoras de Ensino Médio da Rede Estadual, Andrade (2011) observou que apesar de ser proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), a transversalização de gênero em temas da Biologia não ocorre, mesmo havendo oportunidades para tal, como em aulas de Genética sobre cromossomos sexuais. A partir disso penso sobre o quanto é fundamental que as futuras educadoras tenham acesso a mais momentos de formação continuada sobre sexualidade e gênero e

que se repense sobre a própria Ciência e a função social da educação. O caminho das educadoras no processo de aprender e descobrir-se educadoras deve ser levado em consideração, pois é afetado por todo o contexto social e cultural. Assim como a escola, a formação e experiências das professoras/es são atravessada pelos gêneros, pressões sociais e pelas normativas vigentes na nossa sociedade.

Cabe salientar que a luta pelas transformações pode ser conflituosa. Familiares das estudantes, por exemplo, podem reagir negativamente às intervenções sobre sexualidade realizadas no âmbito escolar - já que preconceitos estão profundamente enraizados em nossa sociedade - o que exige da e do profissional planejamento, preparação, formação continuada e cuidado na abordagem desses temas.

Muito é falado sobre a importância reprodutiva da sexualidade para a continuação da vida humana, mas aspectos de cunho pessoal, de satisfação e prazer individual, também devem ser considerados no ensino, a fim de desmistificar os pensamentos pautados em medos e estranhamentos que se tem sobre o sexo e o corpo, e para que haja discussão sobre a sexualidade como aspecto essencial para uma vida plena e feliz (contribuindo para a construção de uma convivência respeitosa e empática entre as pessoas). Carecemos de pensar criticamente sobre o quanto Ciência e Educação têm sido utilizadas como ferramentas que justificam marginalizações e preconceitos, mantendo as violências e desigualdades relacionadas ao gênero e à sexualidade. Para além disso e talvez mais importante, a escola também pode ser vista e funcionar como “[...] cenário de luta e resistência por parte dos grupos excluídos.” (FURLANI, 2011, p. 23).

Também, em relação à educação (e aos outros pilares teóricos deste trabalho, bem como às minhas próprias convicções e lutas) e sinto que embora seja perceptível ao longo do desenvolvimento de todo este texto, é importante reafirmar e situar este trabalho quanto concordante com a Pedagogia Anticolonial e mais, quanto fruto das discussões neste âmbito, direta e indiretamente. O presente trabalho tem como forte intenção a denúncia das dominações desta colonialidade, que se envolve nas relações entre os gêneros, a natureza, a economia, a política e o combate das mesmas. Estas dominações à nível global se expressam no âmbito do poder, do saber e do ser, três eixos que se influenciam mutuamente e inclusive (e fortemente) na área da sexualidade, identidade e subjetividades dos seres, relacionando-se com os debates deste trabalho. A colonialidade transcende o colonialismo histórico europeu sobre outros povos, e estes dois termos se diferenciam na análise da continuidade que existe destas formas coloniais de dominação

sobre o não-europeu (e todo os grupos que estão fora do padrão europeu-branco-homem-cis-heteronormativo), através do controle capitalista das estruturas de poder que sustentam o funcionamento do sistema vigente (SCANAVACA, 2017).

3. ABRINDO CAMINHOS

Relato-análise de vivências e pesquisa com estudantes de Licenciatura em Biologia sobre sexualidade, com enfoque no clítoris e seu silenciamento

Eu não imaginava que era possível fazer pesquisa em educação até fazer parte do ObEdUFSC. Ao longo da minha graduação, quase nada foi dito sobre essa possibilidade e surpreendentemente me envolvi, inclusive, em momentos de conflito com professores que não eram da Licenciatura (mas que davam aula para estudantes que se preparavam para ser professoras/es), em virtude destes docentes desconsiderarem este campo de pesquisa como legítimo ou por se fecharem ao entendimento e a discussões coletivas sobre a importância e o que caracteriza essas pesquisas na área de educação. Ainda estou, também, no desenvolvimento deste trabalho e da minha primeira experiência com pesquisa em educação, compreendendo seu papel, sua importância e através de quais métodos e ferramentas pode ser desenvolvida. Gostaria de enfatizar a importância de programas como o ObEdUFSC no desenvolvimento desta e tantas outras pesquisas em educação, no fomento do próprio debate sobre a educação e em como se fazer pesquisa nessa área (através, por exemplo, das Jornadas das Licenciaturas em Biologia, organizada pelo grupo em 2016, onde realizamos diversos momentos de diálogos, estudos e trocas de experiências entre educadoras e pessoas interessadas na área). É bastante possível que eu não tivesse compreendido a possibilidade deste tipo de pesquisa se não tivesse tido acesso à esse grupo e tantas outras pessoas que através deste passaram a ter interesse no tema e mesmo compreender mais profundamente a importância da pesquisa em educação e como ela se desenvolve. Infelizmente, o programa OBEDUC (Observatório de Educação em Ciências) – existente em diversas Universidades Brasileiras - da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Ensino Superior) chegou ao fim em 2017 e não obtivemos renovação do edital, o que considero uma grande perda para a pesquisa em educação, para as educadoras em formação e para o próprio ensino como um todo. Durante o período em que o projeto esteve vivo e com fomento da CAPES na UFSC, muitos frutos foram gerados, como trabalhos de conclusão de curso – como este – na área de educação, diversas oficinas, rodas-de-conversa, atividades diversas, dentro e fora da Universidade, em espaços formais e não-formais de ensino e crédito

que todos estes resultados ainda reverberam e os aprendizados se mantêm vivos, embora agora enfrentemos a dificuldade de não termos mais um apoio e o fomento governamental na área da pesquisa de ensino em Ciências. Esperamos que esse quadro mude e que se volte o olhar para a necessidade de valorização e apoio desta área.

Os movimentos sociais e políticos de sexualidade e de gênero se relacionam com a educação e o ensino escolar, sendo influências com potencial transformador de conhecimentos e maneiras de se aprender em diversos contextos. Os campos de estudos relacionados à questões de gênero e sexualidade tem afetado inclusive o âmbito da pesquisa educacional, que vem trazendo novos questionamentos e desafios, levando para o contexto acadêmico e educacional reflexões que põem em cheque certezas e verdades reproduzidas e sustentadas também na escola e nos argumentos de base científica, os quais precisam ser observados enquanto culturais e transitórios (LOURO, 2011). Muitos campos de estudo e pesquisas educacionais buscam romper com os pensamentos baseados em verdades como as de base determinista biológica, a partir dos próprios grupos marginalizados e colocados em posições inferiorizadas. Esses grupos, de mulheres, negras, pessoas LGBTQI+, passam a ocupar os espaços de produção e questionamento do conhecimento, a partir de suas próprias vivências e realidades.

Novas questões são colocadas a partir de suas experiências e de suas histórias; noções consagradas de ética e de estética são perturbadas. Áreas e temáticas consideradas, até então, pouco “dignas” de ocupar o espaço e o tempo dos sérios acadêmicos passam a ser objeto de centros universitários e núcleos de pesquisa. O mundo do privado e do doméstico; as muitas formas de viver o feminino e o masculino, a família, as relações amorosas, a maternidade e a paternidade; o erotismo e o prazer fazem-se teses, escrevem-se livros, realizam-se seminários e cursos. (LOURO, 2011, p. 69.)

A pesquisa apresentada neste trabalho não pretende fornecer respostas prontas ou conclusões fechadas sobre o ensino e o assunto em questão. Considero, inclusive, um desafio contraditório para a pesquisa em educação o fato de que quem pesquisa, inserido dentro da esfera acadêmica e afastada do cotidiano e realidade escolares (como é meu caso), conseguir interagir e refletir as realidades escolares. Ao mesmo

tempo, penso que um distanciamento seguro do objeto de pesquisa é benéfico para a análise e apresentação de resultados. Para mim, foi um desafio muito grande realizar uma pesquisa em educação ainda estando na graduação, com poucas experiências em sala de aula e principalmente dentro do tema escolhido. Já existem muitas publicações de artigos e pesquisas envolvendo educação e sexualidade, porém, a respeito do clitóris, o que se sabe e o que se estuda sobre o órgão nas escolas - e seu próprio silenciamento histórico-social sustentado nas aulas de Ciências e Biologia - não é conteúdo comum de artigos e pesquisas (uma das principais razões para a escolha do tema a ser pesquisado, além de minhas motivações pessoais e ideológicas), conforme levantamento bibliográfico realizado para esta pesquisa.

Os objetivos da minha pesquisa (que teve como base as respostas do questionário, apresentado mais adiante) e as hipóteses levantadas para a mesma, bem como as metodologias utilizadas para realização da pesquisa e análises, serão apresentadas na seção 3.2, após um relato das experiências iniciais desse meu processo de aventurar-me e experimentar estratégias metodológicas na pesquisa em educação com enfoque em sexualidade e o silenciamento do clitóris.

3.1 PRIMEIROS OLHARES

Para começar a envolver-me com a avaliação e discussão sobre o quanto o assunto *clitóris* é estudado no ensino formal, em seus níveis básico e superior, organizei dois momentos iniciais intitulados Vivência I e Vivência II. Os dois momentos, juntos, foram a minha experiência piloto, como preparo para a pesquisa com aplicação de questionário para futuras professoras/es de Biologia ainda em formação, com o intuito de verificar o quanto este órgão é conhecido e/ou silenciado durante o Ensino Básico e na própria graduação do curso de licenciatura em Ciências Biológicas da UFSC (pesquisa esta realizada no semestre seguinte às primeiras vivências).

A Vivência I aconteceu com a participação de 23 estudantes da primeira fase do curso noturno de licenciatura em Ciências Biológicas. A Vivência II ocorreu com outros 11 estudantes da 6ª fase, também do curso noturno de licenciatura em Ciências Biológicas. Escolhi realizar estas vivências com fases distintas do mesmo curso por acreditar ser possível realizar alguma comparação entre estudantes iniciantes e veteranos em relação ao assunto trabalhado, no que tange aos seus conhecimentos e experiências a respeito.

Estas práticas iniciais com estudantes constituíram importantes momentos de pesquisa e reflexões sobre os temas abordados neste trabalho, sobretudo a respeito do silenciamento do clitóris na educação, tendo em vista a falta de referências e estudos prévios que relacionem sexualidade, educação e o silenciamento do clitóris. As vivências foram planejadas (plano base das vivências apresentado a seguir) com inspiração nas bases da técnica de grupo focal (GATTI, 2012) e das estratégias metodológicas utilizadas no curso “*Discursos e representações de gênero e sexualidade dentro e fora do Ensino de Ciências e Biologia*” (RAMOS et. al., 2016) ministrado no âmbito da Semana Acadêmica da Biologia (UFSC), com estudantes de diferente períodos dos cursos noturno e diurno de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Para o alcance dos objetivos desta pesquisa, a minha observação das vivências deu-se de maneira direta e participativa, orientando as dinâmicas que seriam desenvolvidas e direcionando as discussões de acordo com os propósitos deste trabalho. A partir de anotações de pontos importantes das discussões, inclusive sobre as apresentações e reflexões das estudantes sobre seus próprios desenhos e o que estes representavam para si, foi realizada uma análise subjetiva geral dos conteúdos trazidos à tona durante as discussões. Essa breve análise inicial dá base e se relaciona às análises mais aprofundadas - apresentadas mais adiante neste trabalho - das respostas dos questionários para a pesquisa principal.

A apresentação dos desenhos produzidos nas vivências neste trabalho (em anexo) teve sua reprodução anônima consentida pelas participantes.

Planejamento:

Vivência I (1ª fase) e Vivência II (6ª fase)

As duas vivências com estudantes de 1ª e 6ª fases da Licenciatura em Ciências Biológicas da UFSC se deram a partir deste mesmo planejamento básico. As questões orientadoras direcionadas aos dois grupos foram as mesmas, a fim de permitir uma comparação entre os sentidos apresentados nas discussões e desenhos dos dois grupos e inferir o quanto cada conhece sobre o clitóris, considerando as memórias trazidas do Ensino Básico e também da graduação de Ciências Biológicas.

Objetivos das vivências: Identificar e analisar quais conhecimentos e sentidos são atribuídos por estudantes de Licenciatura em Ciências Biológicas a temas da sexualidade, principalmente a respeito do clitóris, percebendo quanto deste conhecimento foi construído no âmbito da educação formal, na escola e graduação; problematizar o silenciamento do clitóris no ensino básico e na formação de futuras educadoras; discutir novas possíveis ferramentas e abordagens pedagógicas com potencial de permitir a discussão, o interesse e o reconhecimento de temas da sexualidade como essenciais na formação de crianças, adolescente e futuros profissionais da educação; fornecer um contato inicial meu com a pesquisa em ensino e a familiaridade das pessoas com os assuntos abordados (tendo em vista que, como já foi citado, não tive acesso a nenhuma pesquisa sobre clitóris no âmbito educacional).

Justificativa: O clitóris há muito sofre um silenciamento cultural, sendo ocultado ou muito mal representado na literatura, na Ciência, nas mídias, na educação básica, em diversas sociedades. Os corpos que nasceram com clitóris sofrem opressões e têm sua sexualidade reprimida, sendo muitos deles mutilados (ablação clitoriana), para que haja assim um controle sobre a sexualidade e o prazer destes corpos, tidos como de finalidade única para a reprodução em diversas culturas e meios sociais. Precisamos conversar sobre o clitóris e conhecer nossos corpos para podermos, então, combater as violências e opressões sexuais e de gênero a partir de uma educação que converse, escute e liberte.

Programa:

1. Introdução

- Anatomia Humana: quais são as representações de corpos masculinos e femininos nos livros didáticos, nas aulas de Ciências e no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas?; quais são os órgãos que diferenciam esses corpos?; e o clitóris, aprendemos sobre ele na Escola e/ou na graduação? (*Discussão em círculo entre a turma, com registros meus por escrito contendo os pontos levantados e relatos interessantes de acordo com o interesse deste trabalho.*)
- Desenvolvimento embrionário: observação de imagens e esquemas do desenvolvimento embrionário e diferenciação dos órgãos sexuais; homologia clitóris-pênis. (*Breve apresentação*)

de pontos importantes no desenvolvimento embrionário com uso de projeção de imagens divulgadas em sites brasileiros de morfologia, como o “anatomiaonline.com”).

2. Vamos desenhar!

O grupo foi convidado a desenhar em uma folha branca aquilo que conhecia sobre o clitóris: sua estrutura anatômica, aspectos relacionados à práticas e sentidos culturalmente atribuídos ao órgão, sobretudo no âmbito escolar, bem como impressões pessoais e outros tipos de informação consideravam relacionadas ao tema. As pessoas que concordaram com a utilização de seus desenhos na análise apresentada neste trabalho assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice I) e deixaram seu desenho ao final da vivência.

3. Apresentação e discussão dos desenhos

Apresentação livre dos desenhos, discussão em torno dos pontos levantados e relatos compartilhados sobre experiências durante a idade escolar e na graduação - no âmbito da sexualidade e em torno do tema clitóris.

Questões orientadoras:

- a. Quantas integrantes do grupo conheciam a estrutura completa (3D) do clitóris?
- b. Quantas integrantes do grupo aprenderam* sobre o clitóris na escola?

* Considerou-se como “aprender” a apresentação mais aprofundada da estrutura do clitóris assimilada durante o período escolar, além de uma breve identificação e localização anatômica do mesmo.

4. Curta de animação - Le clitoris

O grupo assistiu ao curta-metragem de animação “*Le clitóris*” (Lori Malépart-Travery, Canadá - 2016), premiado em diversos festivais e disponível em www.vimeo.com/222111805.

5. Possibilidades para o ensino

Discutiu-se sobre a importância de falarmos a respeito do clitóris no Ensino Básico e na formação de futuras educadoras. Foi compartilhado com a turma um material complementar, produzido por mim no formato de *fanzone* (material artístico-informativo produzido artesanal ou digitalmente, como veículo de informação alternativo às grandes mídias, abordando geralmente temáticas consideradas subversivas, pouco tratadas na mídia e educação formal, a fim de incentivar discussões de assuntos com potencial libertário e crítico à norma vigente, usando-se de expressões artísticas como recorte e colagem, desenho livre e escrita poética), intitulado “*Você conhece o clitóris?*” (apêndice III).

O *fanzone*, além de trazer informações sobre sexualidade e o clitóris, também se apresenta como possibilidade pedagógica para o ensino, unindo expressão artística ao conhecimento de Biologia, por exemplo, podendo servir de inspiração em termos de metodologia de ensino para estas professoras/es de Ciências e Biologia em formação. Também foi apresentado para a turma o modelo do clitóris⁹ (Figura 2), de Odile Fillod, França e foi discutido acerca de suas potencialidades para o ensino de sexualidade nas escolas.



Figura 2: Modelo anatômico em 3D do Clitóris produzido para as práticas e pesquisas realizadas para o desenvolvimento deste trabalho. Fonte: A autora (2017).

⁹ Modelo digital para impressão disponível e demais informações em <https://odilefillod.wixsite.com/clitoris>. Acesso em out. 2017.

A partir destas duas experiências iniciais, foi possível ter algumas percepções sobre os conhecimentos das estudantes a respeito de aspectos gerais da sexualidade e do clitóris, e assim, refletir sobre o que foi ensinado nas escolas em que essas pessoas estudaram e os possíveis efeitos disso no desenvolvimento pessoal.

A grande maioria das pessoas que participaram destas vivências nunca havia visto a estrutura completa do clitóris (cerca de 85% do total de participantes), tal qual a representada do órgão em modelo 3D, e consideram não terem aprendido sobre o órgão na escola e nem na Licenciatura em Ciências Biológicas até o momento das vivências (ambos os grupos já tiveram a disciplina de Anatomia na graduação). Apenas 4 participantes das duas vivências consideraram ter aprendido sobre o clitóris na escola e discutido assuntos para além da indicação da posição anatômica da glândula, como características sensoriais e algo relacionado ao prazer proporcionado pelo órgão. Mas, ainda assim, sem terem tido conhecimento neste período sobre a estrutura completa do clitóris (glândula + região interna). As pessoas que tinham conhecimento sobre a estrutura completa do clitóris antes das vivências tiveram acesso a essa informação depois do período escolar, principalmente através de pesquisas pessoais sobre o tema na internet.

Nas discussões de ambas as vivências foram apontadas várias vezes, sobretudo pelas estudantes mulheres presentes, o silenciamento do clitóris também no âmbito familiar. A maioria delas compartilhou que não vivenciaram conversas abertas sobre o clitóris e a masturbação feminina em suas famílias, sendo este tópico tratado como tabu nos meios sociais que fizeram/fazem parte, ainda nos dias de hoje. Contudo, já é possível notar uma mudança inicial para maior abertura e consciência a respeito da sexualidade e prazer desses corpos.

Também foi amplamente discutido, nos dois momentos, o fato de a sexualidade e prazer masculinos (de homens-cis) serem muito mais incentivados e exaltados, enquanto as mulheres têm a sua sexualidade tradicionalmente reprimida e a sua liberdade sexual e seu prazer independente (por exemplo, através da masturbação) apontada como algo impróprio. Um dos homens participantes das vivências comentou sobre o forte incentivo e até cobrança que sofria da sua família sobre sua sexualidade; compartilhou, inclusive, que na altura de seus 15 anos já era estimulado a ter relações sexuais, tendo sido questionado por um familiar se já estaria “machucando as meninas” (fazendo sexo). Esse tratamento para com a sexualidade masculina, que a molda como dominante - até violenta - é fruto e mantém a cultura do estupro, que normaliza atitudes e pensamentos abusivos, objetificadores, violentos e

sexistas de homens para com as mulheres. Em contrapartida, as mulheres são criadas para a passividade, sendo reprimidas, controladas, vigiadas e silenciadas. Conforme exposto pelas participantes dessa pesquisa inicial nos relatos e memórias escolares, essas diferenças nos papéis de gênero impostos quanto à expressão da sexualidade também podem ser observadas no espaço escolar e nas suas práticas, no dia-a-dia das crianças e adolescentes. Várias mulheres relataram que o fato de não terem sido ensinadas sobre os seus próprios corpos e capacidade de prazer afetou suas vidas sexuais e sua sexualidade de alguma maneira – como, por exemplo, na falta de conhecimento sobre a anatomia do próprio corpo, a geração de medos e receios que acarretam em dificuldades no descobrimento da própria sexualidade e de uma prática mais plena do seu prazer. Entrou-se em acordo, nas discussões nos dois momentos, que é muito importante para o crescimento e desenvolvimento de todas as crianças e jovens estudantes - sobretudo as que nasceram com clitoris - que se estude e converse mais sobre esse órgão, os aspectos sócio-históricos que envolvem sua repressão, masturbação e prazer, tendo em vista que a sexualidade saudável e consciente é essencial para que o alcance de uma vida feliz e saudável. O contato com o modelo em 3D do clitoris gerou motivação e interesse nos dois grupos, que ficaram bastante surpresos com o fato de o mesmo ter sido criado apenas no ano de 2016 (muito recentemente para a história da sexualidade).

Além das vivências realizadas com estudantes de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFSC, o desenvolvimento deste trabalho proporcionou duas atividades relacionadas ao tema da sexualidade com enfoque no clitoris, também anteriores e preparatórias para a aplicação dos questionários: uma delas foi a prática da oficina “Precisamos falar sobre o clitoris!”, desenvolvida durante o EREB-Sul (Encontro Regional de Estudantes de Biologia da região Sul), em novembro de 2017, na Aldeia Tupã Nhe’ê Kretã (Paraná) da qual participaram cerca de 15 pessoas - entre elas, estudantes de Biologia de diferentes Universidades e pessoas interessadas no tema.

A outra atividade foi elaborada conjuntamente com professores de Ciências, Ana Lara Schlindwein e Arthur Magalhães, do Centro Educacional Municipal Santa Terezinha (São José, Santa Catarina) como um projeto de práticas de ensino no âmbito da educação sexual e enfoque no clitoris, executado com turmas de 8º e 9º ano do Ensino Fundamental em novembro de 2017. Estes dois momentos não haviam sido planejados enquanto componentes deste trabalho, tendo surgido de maneira espontânea a partir principalmente de conversas durante

encontros do grupo ObEdUFSC. Mesmo assim, compartilho, mas enxergo como potenciais fundamentos práticos para discussão em torno da importância da educação em sexualidade e gênero e da necessidade de falarmos sobre o clitóris nas Escolas. Além disso, as duas atividades fizeram uso do modelo 3D do clitóris como possível ferramenta de ensino para um conhecimento de essencial importância no processo de aprendizagem de crianças e adolescentes - podendo ser observadas também enquanto práticas para a análise da efetividade do uso do modelo 3D do clitóris na educação escolar brasileira, a despeito do que vem ocorrendo na França desde 2016.

É importante salientar que nessas duas experiências também foi possível observar que a grande maioria das pessoas não conhecia a estrutura completa do clitóris e nem havia aprendido/estava aprendendo sobre o órgão na escola. As meninas do Centro Educacional Municipal Santa Terezinha, inclusive, se mostraram bastante curiosas quanto ao assunto e foi possível perceber o quanto elas precisam e têm interesse em discussões mais profundas, abertas e amigáveis sobre os temas – conclusão baseada em tantos questionamentos relativamente básicos que foram feitos (como perguntas sobre a possibilidade de engravidar pelo sexo anal ou a definição de virgindade). Foi possível notar também que a maioria dessas meninas não sabia indicar - em uma imagem representativa da vulva - a localização do clitóris e ficaram muito chocadas ao se depararem com a informação de que o clitóris se estendia para dentro de seus corpos por cerca de mais 10 cm. Senti uma forte necessidade de realizar mais pesquisas no âmbito escolar diretamente com as estudantes, com uma coleta de dados mais aprimorada e completa, bem como conversas e escuta sobre questões básicas de sexualidade, prazer e saúde.

3.2 UM OLHAR MAIS APROFUNDADO

Para uma discussão mais bem fundamentada a respeito do silenciamento do clitóris, sobretudo no âmbito escolar, e constituição do eixo principal de sustentação da pesquisa que aqui apresento, foi elaborado um questionário com 3 questões centralizadas no tema clitóris, o qual apliquei com uma turma da 1ª fase do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, durante uma disciplina do curso, no semestre seguinte às duas experiências iniciais (Vivências I e II). Busquei com esse questionário fazer um levantamento geral das noções dessas futuras professoras/es de Ciências e Biologia sobre o tema proposto, juntamente com memórias, experiências e as sensações compartilhadas nas atividades realizadas pelas participantes. Trabalhei em conjunto com a turma ao longo de duas aulas - contando com auxílio da professora e da monitora da disciplina - alguns temas relacionados ao corpo, sexualidade e gênero, focando (no segundo encontro) no órgão clitóris e seu silenciamento sócio-histórico, incluindo o âmbito escolar.

Quanto às metodologias utilizadas o exame dos resultados obtidos, analisei as respostas dos questionários em duas categorias distintas - mas que conversam entre si - e apresentarei a seguir algumas discussões em diálogo com as minhas referências para este trabalho, bem como uma breve representação numérica dos dados recolhidos. Também foram reproduzidas algumas frases obtidas nas respostas dos questionários que considerei bastante representativas - dos pontos que foram levantados nas aulas com a turma e nas respostas dos questionários. Essa pesquisa foi desenvolvida de maneira bastante experimental (se moldando e se descobrindo enquanto foi sendo estudada e colocada em prática). Considero, portanto, este apenas um passo inicial do que diz respeito à pesquisa sobre o silenciamento do clitóris no que tange à vida escolar e o ensino de Ciências e Biologia.

Sobre as práticas com desenho: ao longo das duas aulas que deram base para essa pesquisa, eu propus duas atividades de desenhos. Não tenho nenhuma intenção de fazer uma análise psicopedagógica dos desenhos. O uso dessa forma de expressão foi pensado apenas como uma ferramenta de interação e concentração da turma sobre os temas que seriam trabalhados e no sentido de auxiliar uma ativação da memória sobre as experiências e conhecimentos que as estudantes teriam adquirido previamente a respeito dos assuntos trabalhos.

Os desenhos serviram como ponto de partida para as discussões sobre diversos aspectos da sexualidade e do clitóris, e ampararam um maior interesse e participação na aula e em responder o questionário ao

final da mesma. Alguns desenhos foram disponibilizados ao final deste trabalho (em anexos), tendo todos sido autorizados a isso previamente pelas pessoas que os produziram, com intuito apenas de ilustrar o momento e registrar as memórias, reforçando a potencialidade que a arte tem como ferramenta para a educação e os descobrimentos.

Objetivos da pesquisa:

- Identificar o que nós, futuras professoras/es de Ciências e Biologia, aprendemos na nossa formação escolar a respeito do clitóris, fazendo uma problematização sobre os possíveis motivos e consequências da abordagem com que o tema foi (ou não) trabalhado no período escolar;
- Sensibilizar participantes das aulas e da pesquisa sobre a importância da educação sexual a partir de suas memórias do tempo escolar, relacionando, principalmente, com suas próprias experiências e sensações sobre o tema;
- Confrontar aspectos apresentados nas aulas - em especial nos debates entre o grupo - nas respostas dos questionários com o que acredita-se ser o papel da escola (principalmente quanto à educação em sexualidade e formação cidadã);
- Identificar as noções baseadas em determinismos biológicos que são reproduzidas no ensino e contribuem para manutenção de discriminações e silenciamentos;
- Discutir sobre os potenciais benefícios gerados por uma educação que ensine mais sobre o órgão clitóris e a sexualidade desses corpos, bem como a possível importância da presença de modelos anômicos como ferramenta educativa-libertadora (a exemplo do modelo em 3D do clitóris e uma linguagem científica que seja menos determinista e preconceituosa).

Hipóteses da pesquisa:

A partir das minhas leituras e das experiências iniciais que realizei, desenvolvi para esta pesquisa duas hipóteses de trabalho, que serão testadas a partir da análise das respostas do questionário.

1ª hipótese: Aprendemos pouco ou nada sobre o clitóris na escola.

2ª hipótese: A maioria das pessoas não conhece a estrutura completa do órgão

Programa das aulas:

Aula 1

I. Introdução

- Anatomia Humana: quais são as representações de corpos masculinos e femininos nos livros didáticos, nas aulas de Ciências e no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas?; quais são os órgãos que diferenciam esses corpos?; (*Discussão em círculo entre a turma – utilização de slides com imagens*).

II. Desenhe: masculino X feminino

- Proposta de exercício mental: pensar nas aulas de Biologia e Ciências que tiveram até hoje, inclusive as da faculdade. Após relembrar dessas aulas, desenhar, de acordo com o que foi recordado, diferenças entre os corpos masculino e feminino aprendidas nestes espaços.
- Colocar desenhos no varal;
- Apreciação da exposição pela turma.

III. Discussão e exposição de alguns conceitos

- Conversa em círculo entre o grupo sobre os elementos que apareceram nos desenhos: do micro ao macro - fatores genéticos, embriologia, anatomia, doenças, gravidez, reprodução e demais pontos que possam ser observados nos desenhos;
- Apresentação pelas professoras de alguns aspectos teóricos relacionados à sexualidade e gênero que dialoguem com noções representadas nos desenhos (conceitos de sexo biológico e gênero; diferenciação de órgãos genitais, síndromes relacionadas ao par sexual de cromossomos, problematização do sistema binário de gênero de base biológica);
- Interssexualidade: apresentação do vídeo “*What it’s like to be an intersex?*” (“*Como é ser intersexo?*”)¹⁰

¹⁰

Vídeo disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=cAUDKEI4QKI&t=4s>. Acesso em: 12 abr. 2018.

- Gênero é um espectro amplo (fatores biológicos que desafiam o sistema binário de gênero)!¹¹
- Discussão em torno da obra “A Grande Muralha das Vaginas”, do artista britânico Jamie McCartney, sobre a diversidade anatômica das vulvas e as pressões sociais sobre estética e liberdade desses corpos.¹²

Aula 2

I. Recapitulação: dos aspectos gerais sobre gênero e sexualidade discutidos na aula anterior;

II. Proposta de atividade inicial: desenhar um clitóris, de maneira livre, representando qualquer tipo de aspecto que se relacione ao órgão, de acordo com suas memórias e vivências dentro e fora do ambiente escolar.

III. Apresentação dos desenhos: e breve discussão sobre os aspectos observáveis pela turma nos desenhos (foram representados apenas aspectos anatômicos?; a parte interna do clitóris foi representada em algum desenho?; particularidades sobre o funcionamento do clitóris foram representadas?).

IV. Apresentação do curta-metragem: “*Le clitóris*” (Lori Malépart - Travery, Canadá, 2016).

V. Possibilidades para o ensino: apresentação do modelo 3D do clitóris e distribuição do *fanzine* sobre o tema (ambos objetos apresentados como exemplos de ferramentas metodológicas alternativas para a educação em sexualidade, principalmente, em diálogo com as expressões artísticas que podem se relacionar muito bem com o ensino de Ciências e Biologia).

IV. Questionário individual (apêndice II).

Questões abordadas no questionário:

1. Antes desta aula, você já conhecia ou havia visto em algum lugar a **estrutura completa do clitóris** (representada pelo modelo 3D

¹¹ TAVARES, 2018.

¹² FREITAS, 2012.

observado na aula)? Se sim, compartilhe aqui o que você lembra dessa experiência (através de qual(is) meio(s) ou pessoas?).

2. Tente recordar das suas aulas de Ciências e Biologia e dos momentos em que se abordaram temas relacionados à corpo humano, reprodução, sexualidade, sexo biológico (e suas diferenças, gravidez... etc.): **nessas aulas, você aprendeu algo sobre o clitóris?** O que você lembra desse aprendizado? Quais informações a sua professora ou professor compartilhou com a turma? Foi mostrada a estrutura completo do clitóris? Algo foi discutido e aprofundado para além da indicação da localização anatômica do órgão?
3. Para você, faz/fez diferença ter conhecimentos sobre o clitóris (ou não ter)? Por quê? Para que esses conhecimentos podem ser úteis e importantes? Conte um pouco da sua experiência.

3.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CLITÓRIS EM NÚMEROS

Nas aulas ministradas para a turma da 1ª fase do curso de Biologia que respondeu ao questionário, estiveram presentes cerca de 35 estudantes (nem todas responderam o questionário, aplicado no segundo dia, mas todas participaram das atividades e debates durante essas aulas, realizados no âmbito de uma disciplina do curso – essa disciplina, na qual foram ministradas as aulas e aconteceu a aplicação do questionário, não está sendo indicada aqui para não facilitar a identificação das participantes). Desse total, 25 optaram por responder o questionário. A seguir, é possível observar que 68% dos participantes desconheciam a estrutura completa do clitóris (Figura 3).

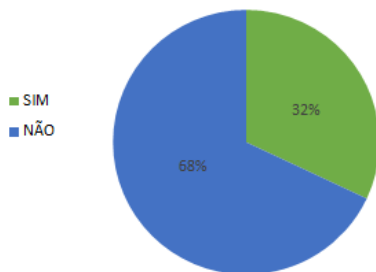


Figura 3 - Clareza de estudantes de graduação do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (Universidade Federal de Santa Catarina) a respeito da morfologia completa do clitóris. Fonte: A autora (2018).

Tais dados nos mostram como é significativo o silenciamento desse órgão e urgente sua discussão nos mais diversos níveis de ensino, em acordo com Fernandéz, Fernandéz e Castro (2013), que destacam a necessidade de

Uma educação sexual que permita não só denunciar o abuso que tradicionalmente sofreram as mulheres e as minorias sexuais, e visibilizar as suas realidades, se não que em um ato de empoderamento destes coletivos e da sociedade em geral, lhes permita transgredir o *status* quo construído sobre as rígidas normas de gênero. (FERNANDÉZ; FERNANDÉZ; CASTRO, 2013, p. 38)

Apenas 8 pessoas (32%) já conheciam a morfologia completa do clitóris previamente aos encontros que compuseram esta pesquisa, tendo a maior parte delas relatado ter tido acesso a esse conhecimento através de buscas virtuais motivadas por interesse no assunto.

Quando questionadas a respeito do período em que se deu a assimilação dos conhecimentos referentes ao conteúdo desta pesquisa em sua trajetória escolar, 13 pessoas consideraram não terem aprendido sobre o clitóris durante seu Ensino Básico, conforme pode ser observado na Figura 4. Nas respostas, uma parte dos participantes indicou que o máximo contato que tiveram com conteúdos sobre esse órgão no período referido, limitou-se à indicação da localização de parte da sua estrutura, destacando apenas a glândula do órgão, sem nenhum

aprofundamento. Outro grupo relatou apenas ter conhecimento de sua existência, mas sem de fato conhecê-lo.

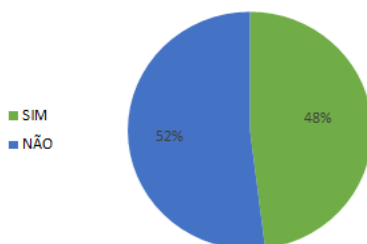


Figura 4 – Assimilação de estudantes de graduação do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (Universidade Federal de Santa Catarina) da estrutura morfológica do Clitórís durante a Educação Básica. Fonte: A autora (2018).

As 12 pessoas que aprenderam sobre o clitórís na escola, representando 48% do grupo total (Figura 4), registraram apenas alguns aspectos a mais da estrutura do clitórís em comparação com o grupo anterior, ainda assim, de maneira um tanto superficial – tratando da grande sensibilidade do órgão, sua função como órgão de prazer ou indicando a região externa do mesmo. Entre esse público, apenas 1 relatou ter conhecido ainda na escola a estrutura completa do clitórís, explorando-o, inclusive, através de imagens levadas pela professora.

3.4 UM OLHAR PARA AS RESPOSTAS A PARTIR DOS REFERENCIAIS TEÓRICOS

Para a análise qualitativa das respostas dos questionários aplicados nesta pesquisa, foi utilizada uma abordagem que se aproxima da linha de Análise de Conteúdo, ou seja, buscou-se aqui compreender o pensamento das pessoas que participaram da pesquisa com base no conteúdo expresso no texto, e nada além dele, procurando relacioná-lo com as referências e objetivos principais da pesquisa (CAREGNATO & MUTTI, 2006). Decidiu-se, então, analisar em duas categorias principais que abordam os pontos mais levantados nas respostas dos questionários. As duas categorizações a partir das quais partiu o olhar para as respostas são: os silêncios e a escola.

Transcritas a seguir também estão algumas das respostas que representam os pontos discutidos e que mais emergiram na pesquisa. As respostas dos participantes foram identificadas da seguinte maneira: P1 – 1, onde P1* = *pessoa 1(ordenada aleatoriamente)* e – 1* = *resposta referente à questão 1 (do questionário)*.

3.4.1 O silenciamento do órgão do prazer

Após a leitura das respostas, em especial das duas primeiras questões do questionário (aplicado com estudantes do curso de Licenciatura em Biologia na UFSC), foi possível identificar que existe uma grande desinformação a respeito do clitóris e de sua estrutura completa por uma parte significativa do grupo analisado - considerando que as mesmas permanecem em formação para se tornarem educadoras de Ciências e Biologia e/ou são pessoas que nasceram com o órgão destaque deste trabalho. A maioria relatou buscar por informações sobre o clitóris de maneira independente na internet, atitude justificada pela curiosidade ou intenção de fornecer maior prazer sexual para suas parceiras, como indicam as respostas a seguir:

“Sim. Inclusive para minha pessoa (sou mulher), e nunca tinha visto a estrutura completa, e nem imaginava que tinha isto em meu corpo” (P25-3).

“No momento em que iniciei a vida sexual, surgiram muitas dúvidas sobre como se dá o prazer no corpo feminino” (P1-1).

“Sim, mas não em nenhuma aula e sim porque queria causar mais prazer em minha namorada e pesquisei sobre o clitóris, e confesso que fiquei surpreso com o tamanho e em como é mal falado” (P2-1).

O silenciamento e a falta de informação sobre o clitóris gera o ocultamento do prazer (que potencialmente pode ser combatido através do conhecimento e estimulação desse órgão) e, conseqüentemente, uma repressão sobre a sexualidade desses corpos. Como discute Louro (2011), o processo de heteronormatividade e masculinização implica muitas vezes em uma aversão de práticas e marcas relacionadas à feminilidade. Podemos considerar esse silenciamento como uma violência que caracteriza a misoginia, sustentada também nos discursos

(ou silêncios) científicos e nas abordagens tradicionais sobre educação sexual.

A resposta apresentada a seguir estimula uma reflexão sobre as diferenças na representatividade e incentivo à sexualidade e conhecimento do órgão genital de corpos que nasceram com pênis, e que foram socializados enquanto homens na nossa sociedade:

“Com certeza faz diferença, como mulher, não conhecer a estrutura completa da minha vagina, enquanto os homens são muito bem representados, a falta desse conhecimento e informação me entristece!” (P11-3).

O clitóris foi por muito tempo (e ainda é) comparado ao pênis e considerado uma versão menor deste (RAGO, 2002), situação que reforça o pensamento falocêntrico vigente no nosso meio social, no discurso científico e também na educação. Essa repressão da sexualidade feminina se retroalimenta (além de outros pensamentos), na ideia tradicional - divulgada, inclusive, em materiais científicos sobre saúde e sexualidade - de que as necessidades sexuais das mulheres seriam muito menores do que as dos homens e que para estas, o casamento era o mais importante e necessário para a manutenção de uma vida adequada (RAGO, 2002). A desinformação sobre o prazer é uma maneira de controle e que ainda é muito forte mesmo nos dias de hoje. Muitas pessoas que nasceram com o clitóris ainda estão em processo de descobrimento desse órgão e do seu próprio prazer:

“Sim, pois é um conhecimento que todos devem ter, pois é uma estrutura (órgão) assim como qualquer outro. E mais que isso, considerado o órgão do prazer e um órgão pouco falado e conhecido” (P5-3).

“Muita! É uma parte muito importante do corpo de pessoas que possuem clitóris :), que acaba sendo marginalizada e que a maioria das pessoas não conhece, acaba ocultando a sexualidade e o prazer delas” (P9-3).

“Sim, a gente passa uma vida sem saber sobre o próprio corpo, é importante inclusive e de forma muito enfatizada no meu próprio prazer” (P1 -3).

Muitas das pessoas que responderam ao questionário alegaram considerar de grande importância o conhecimento sobre o seu próprio corpo, seu prazer e a independência na obtenção do mesmo, considerando ser essencial maior exploração deste órgão por todas as pessoas, nascidas com clitóris ou não:

“Sim, pois é uma parte, um órgão importante do meu corpo, e o único exclusivamente para o prazer. O conhecimento é útil para ambos os sexos, simplesmente por fazer parte do corpo humano feminino e por o órgão homólogo a ele ser estudado, ensinado e conhecido” (P12-3).

“Faz diferença, porque é extremamente triste uma mulher não conhecer o seu corpo. A mulher precisa conhecer seu corpo para atingir orgasmo sozinha, e não depender de ninguém” (P20-3).

As respostas do questionário indicam que há uma grande repressão do prazer e do orgasmo clitoriano, bem como do conhecimento da estrutura completa desse órgão. Muitas pessoas manifestaram-se a favor desse maior empoderamento sexual feminino e das pessoas que têm clitóris, o que eu acredito ser bastante possível de alcançar através de uma educação sexual que comece a explorar mais a sexualidade e o prazer dos corpos que historicamente têm seu prazer silenciado, bem como através de mudanças no pensamento e discursos científicos, que por muito tempo consideraram e reverberaram a noção de que as mulheres seriam destinadas a executar o papel de reprodução, sem haver espaço para a exploração e expressão do seu prazer e de sua sexualidade, sendo estas consideradas vivências de mulheres desviantes ou degeneradas, que não seriam dignas de constituir família (RAGO, 2002). É preciso romper com esses silenciamentos e falar mais sobre o clitóris e o prazer, a masturbação e liberdade sexual de mulheres e pessoas com clitóris.

3.4.2 O papel da escola

O ambiente escolar e todas as práticas que nele se desenvolvem têm grande influência no desenvolvimento de todas as pessoas, inclusive (e fortemente) no desenvolvimento de concepções a respeito da sexualidade, dos descobrimentos do corpo, da identidade, do prazer. Mesmo não sendo o único meio que educa sobre sexualidade, a escola

tem um grande papel na construção da identidade do ser, além de refletir diversos preconceitos observados na sociedade (ANDRADE, 2011).

Nas aulas de Ciências e Biologia os temas sobre sexualidade têm enfoque na reprodução e propagam noções determinantes, transfóbicas e sexistas. A atenção maior se dá para os órgãos que estão diretamente envolvidos com a atividade reprodutiva da nossa espécie (úteros, ovários - além de gravidez, ciclos menstruais, etc.), retratando os corpos femininos como os responsáveis por esse papel, de perpetuar a nossa espécie. Essa concepção de que o útero é o órgão mais importante desses corpos é bastante antiga e remonta ao século XVIII, onde as mulheres passaram a ser mais retratadas pela Ciência, porém sob um viés totalmente reprodutivo, sem explorar aspectos do seu prazer e o clitóris (RAGO, 2002). Não são discutidos normalmente aspectos sociais e emocionais da sexualidade na escola. Esses desprezo pelo prazer e pelo clitóris, que é reproduzido também no ensino, é apontado em diversas respostas dos questionários analisados, a exemplo:

“As aulas sempre fugiram do assunto “prazer sexual” (P1-2).

“Somente a localização na parte externa e a função de prazer, mas de maneira superficial. Toda a atenção das aulas era voltada para útero e ovário” (P6-2).

Muitas pessoas também indicaram nas suas respostas uma falta de aprofundamento ou vontade de debater esses temas por parte dos professores, bem como citaram a pouca ou nenhuma representação do clitóris nos livros e materiais didáticos:

“Aprendi apenas que o clitóris era um órgão sensível. O professor mostrou imagens de livros didáticos pouco explicativas” (P11-2).

“Foi passado apenas por cima, mostrando apenas a localização e algumas funções e na localização, foi apenas na parte que aparece no corpo e não a que está dentro do corpo da mulher e nunca foi mostrado uma peça anatômica do órgão” (P13-2)

Alves (2016) em sua pesquisa intitulada *“Discursos sobre gêneros e sexualidades inscritos em corpos de livros didáticos de*

Ciências (1970 – 1999”) analisa e discute além de outros aspectos, sobre a pouca ou má representação do órgão genital e da sexualidade ‘femininas’ nos livros em que ela analisa. Em uma passagem do seu trabalho, a autora reforça o fato de a maioria das imagens das três coleções de livros didáticos analisados por ela representam a região da vulva de maneira invisibilizada (sem nome, sem detalhes, sem pelos). A autora ainda chama a atenção para a presença de uma imagem mais detalhada da vulva, que não indica a existência do clitóris, mas unicamente do hímen. Sobre esse ponto, Alves (2016) comenta que:

O que torna essa pequena e fina camada de pele tão importante a ponto de merecer uma figura inteira para si? O que a torna mais importante do que o clitóris, os pequenos e os grandes lábios, a uretra? Que regime de verdade faz com que a localização de uma membrana presente quase que exclusivamente nas “mulheres virgens” mereça espaço nos currículos, enquanto a de todos os outros órgãos sexuais das mulheres é deixada de fora? O conjunto de enunciados presentes nos livros analisados se relaciona à repressão da sexualidade feminina, onde são priorizados sentidos de maternidade, pureza e virgindade em detrimento do prazer e do desejo” (ALVES, 2016, p. 135).

A Escola precisa ensinar sobre o corpo humano de maneira completa, sem deixar de lado um órgão específico, sobretudo quando este é tão importante e possui um potencial para empoderamento e libertação das pessoas que o possuem, além de que o acesso ao conhecimento científico e anatômico em si, de maneira completa e realista, é importante e deveria estar disponível a todas as estudantes. Também é essencial para as estudantes o acesso aos conhecimentos que discutam aspectos sociais, afetivos e culturais sobre a sexualidade. Sobre educação em sexualidade no ensino de Ciências, indicam os PCN (1997) que:

As questões sobre sexualidade, que muito provavelmente surgirão, merecem ser trabalhadas. Assuntos como a construção da identidade sexual, o prazer, a masturbação e demais aspectos são abordados levando-se em conta os componentes biológicos e culturais. É importante que o professor esteja atento e explicita os aspectos culturais envolvidos, buscando evitar preconceitos e responder dúvidas, valorizando os vínculos entre afeto,

responsabilidade, sexualidade e auto-estima. É também da maior importância que o grau de maturidade psíquica e biológica da classe seja parâmetro no aprofundamento das respostas ou investigações acerca desses assuntos. (BRASIL, 1997, p. 66).

Uma educação em sexualidade que seja repressora, que reproduza, por exemplo, o silenciamento e desprezo do clitóris e do prazer dos corpos que nasceram com esse órgão, certamente deixa marcas e influencia a expressão da sexualidade e as noções sobre o próprio corpo dessas pessoas, como foi indicado em algumas respostas do questionário:

“Sim, pois acho importante mostrar as coisas como realmente são e não a escola mostrar somente a parte externa que aparece. Por exemplo, eu não tinha noção que o clitóris era desse jeito como foi mostrado na imagem 3D” (P13-3)

“Não aprendi nada, inclusive segundo a professora era desagradável explicar isso (e não estudei no Brasil). Ela só explicou que existia, mencionou que estava ali. Não foi mostrada a estrutura” (P17-2).

“Aprendi somente a localização, bem superficialmente, o que acredito influenciar diretamente na minha concepção do meu próprio corpo” (P18-2).

Sobre o papel e potencialidades da Escola na luta pela transformação social, concordo com Sales (2012) que diz:

(...) concebendo a escola como espaço representativo da sociedade, são esses locais e tempos em que novos conhecimentos são e devem ser refletidos a seus grupos. São nesses tempos de formação humana formal e informal que podem ser apropriados novos paradigmas de humanidade e reflexões acerca das diversidades que dispõem a cultura do ser. Os processos educativos, formais e informais, denotam uma compreensão de tempo que se transforma continuamente nos processos de construção das identidades dos sujeitos que são arraigados de preconceitos. As ressignificações, a cada instante desse mesmo tempo, representam-se pelas compreensões do que é ser gente e todas as variantes que

podem prevalecer na constante mutação da considerável transformação do sujeito.” (SALES, 2012, p. 42).

Todas as pessoas que responderam o questionário disseram considerar ser importante que se aprenda mais sobre o clitóris no ensino, de maneira que se rompa com esse apagamento e silenciamento histórico. Também indicaram em suas respostas que os aspectos envolvidos com sexualidade são marcantes nas suas vidas. Ainda ficou bastante evidente o papel que o acesso à internet tem na descoberta desses conhecimentos, que tradicionalmente não são estudados na escola, e que existe uma curiosidade independente para ir além da educação formal. Algumas pessoas citaram o fato de terem ficado surpresas com a representação em 3D do clitóris e que não imaginavam o seu tamanho. Afirmaram que o modelo seria importante para a construção de uma noção mais adequada a respeito da proporção e localização desse órgão no corpo. A meu ver, o modelo em 3D do clitóris atinge o objetivo de despertar interesse a respeito do tema e estimular um pensamento mais crítico sobre as “verdades” criadas e reproduzidas pela Ciência, produtos transitórios da cultura que podem (e devem) ser questionados e reformulados em sentido a uma transformação para a justiça, a liberdade e uma melhor qualidade de vida para todas as pessoas.

Quanto a relação dos resultados acima apresentados e analisados com as hipóteses previamente estabelecidas para a presente pesquisa, as declarações das participantes indica que a Escola não aborda ou aborda muito pouco o assunto clitóris, confirmando a nossa primeira hipótese de trabalho; ainda, a maioria das pessoas não conhece a estrutura completa do clitóris, o que confirma a nossa segunda hipótese de trabalho.

4. DESFECHOS

Para encaixar-nos naquilo que é dito natural, vestimos práticas que são culturais, mas que se alternam nos tempos e contextos culturais. Por que chamam de natural aquilo que foi construído? O que é, de fato, natural além daquilo que surge espontaneamente das minhas subjetividades, vontades e querereres?

Ao longo de todo o processo de construção deste trabalho senti falta de ter tido acesso a outras pesquisas que tratassem do silenciamento do clitóris no ensino. Penso que para pesquisas futuras, seria interessante investigar as noções e sentidos reproduzidos por educadoras em Biologia e Ciências nas aulas do ensino Básico, por exemplo, da Rede Municipal de Florianópolis. É possível que considerar a identidade de gênero das pessoas respondentes seja bastante proveitoso para as análises e discussões, ampliando as conexões que podem ser feitas entre respostas e as concepções, bem como as normas tradicionalmente criadas e reproduzidas na nossa sociedade.

Ainda falta muita representatividade, conhecimento e liberdade de expressão dos assuntos relacionados ao clitóris, ao prazer e aos corpos que nasceram com esse órgão. Vejo que temos nas tecnologias grandes aliados para a transformação dessa realidade, como a impressão em 3D para modelos anatômicos realistas do clitóris (que também podem ser elaborados de maneira artesanal - por exemplo, usando-se como material o *biscuit*) e a internet. Seria interessante também conhecermos o quanto a estrutura completa do clitóris já é conhecida no nosso país, nas Escolas e demais meios, a exemplo da divulgação desse assunto que vem acontecendo na França, muito por influência da popularização do modelo em 3D criado por Odile Fillod em 2016. Os quatro modelos do clitóris impressos em 3D para as práticas que compuseram esta pesquisa serão doados para professoras/es de Ciências e Biologia da Grande Florianópolis, que poderão utilizá-los em suas aulas e emprestá-los, para que sejam usados por outras colegas em diversos contextos que envolvam educação em sexualidade e corpo humano.

A partir das práticas que envolveram expressões artísticas (os desenhos e o *fanzone*) pude observar na prática o potencial que a arte tem na educação, para o diálogo, a abertura, a construção de novos conhecimentos e a transformação que sonhamos para o mundo.

Não podemos deixar de utilizar das nossas oportunidades e privilégios, como este de estudar em uma Universidade Pública, que deveria ser POPULAR (cujo acesso, para mim, foi muito mais facilitado

do que para outras sujeitas) para lutar, usar nossa voz e nosso espaço no combate às injustiças e violências cotidianas, buscando construir em coletivo novas concepções e maneiras de existir. Meu sonho para o futuro é que não nos matem mais por sermos “diferentes”, que mais pessoas negras e trans ocupem espaços como esse e muitos outros, que não sejamos mais silenciadas e que saíamos da posição de vítimas e passemos definitivamente para a posição de criadoras e protagonistas das nossas próprias vidas.

“O farol se aproxima lentamente: aquela imagem em minha mente me faz pensar no quanto as lutas anticoloniais são difíceis: o farol sólido, indestrutível diante de minha capacidade bélica – pouco mais que um punho cerrado –, e a percepção de que nossos corpos colonizados, tantas vezes feridos, tantas vezes inferiorizados, tantas vezes violentados, infelizmente nem sempre (quase nunca) chegam às linhas de frente anticoloniais com força máxima, fortes e dispostos.

Olhemos fundo nos olhos do sistema.

Encaremos seus faróis.

*Ergamos autoestimas maltratadas, por todos os meios
necessários.*

Todos os meios necessários.”

Viviane V.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p.575-585, jun. 2001.

ALVES, Luísa de Lemos. **Discursos sobre gêneros e sexualidades inscritos em corpos de livros didáticos de Ciências (1970 - 1999)**. 2016. 187 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

ALVES, Rubem. **O que é científico?** 1999. Disponível em: <<http://www.cefetsp.br/edu/eso/filosofia/oqueecientificorubemalves.html>>. Acesso em: 23 mai. 2017.

ANDRADE, Francisco Leal de. **Determinismo Biológico e Questões de Gênero no contexto do Ensino de Biologia: representações e práticas de docentes do Ensino Médio**. 2011. 251 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ensino, Filosofia e História da Ciência, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. 309 p.

BONASSI, Brune Camillo. **Cisnorma: acordos societários sobre o sexo binário e cisgênero**. 2017. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_19mar2018_versaofinal.pdf. Acesso em: 11 maio. 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (ensino Médio)**. Brasília: Ministério da Educação/SEMT, 2000.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais**. Brasília: Ministério da Educação/SEF, 1997.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. **Pesquisa Qualitativa: Análise de Discurso versus Análise de Conteúdo**. 2006. 6 f. Monografia (Especialização) - Curso de Práticas de Análise de Discurso na Pesquisa em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

DIAS, Vera Helena Vidal. **Vamos clitorizar?!** Florianópolis, 2016. 41: color.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismo em Duelo. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 18, n. 17, p.9-79, jun. 2011. (Capítulo retirado e traduzido pelo Cadernos Pagu, com autorização da autora, do livro *Sexing the Body: Gender Politics and the Construction of Sexuality*. Nova Iorque, Basic Books, 2000).

FERNÁNDEZ, M. L.; FERNÁNDEZ, M. V. C.; CASTRO, Y. R. **O clitoris e seus segredos**. Unidade de Igualdade, Universidade de Vigo - Vigo, Espanha. 2013.

FOLDES, P. & BUISSON, O. **The clitoral complex: A dynamic sonographic study**. *J Sex Med* 2009; 6:1223–1231.

FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade 1: A vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999. 149 p.

FREITAS, Karina de. **O grande muro de vaginas, por Jamie McCartney**. 2012. Disponível em: <<http://www.tecnoartenews.com/esteticas-tecnologicas/o-grande-muro-de-vaginas-por-jamie-mccartney-2/>>. Acesso em: 2 abr. 2018.

FURLANI, Jimena. Abordagens contemporâneas para educação sexual. In: FURLANI, Jimena. *Educação sexual na sala de aula: Relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. Cap. 1. p. 15-40.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Liber Livro, 2012. 79 p.

GOMES, Marina Lopes e. **Infográficos em revistas: que ciências aprendemos?** 2016. 52 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Biológicas/licenciatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

JESUS, Jaqueline Gomes de. CRIANÇAS TRANS: MEMÓRIAS E DESAFIOS TEÓRICOS. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES, 3, 2013, Salvador. **Anais**. Salvador: Grupo Enlace, 2013. p. 1 - 14.

KOYAMA, Emi. **Manifesto Transfeminista**. 2000. 12 f. Monografia (Especialização), [S.I], Portland, 2000.

LANZ, Letícia. Ser uma pessoa transgênera é ser um não-ser. **Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 5, p.205-220, maio/out. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 176 p.

MACEDO, Elizabeth. Currículo: Política, Cultura e Poder. **Currículo Sem Fronteiras**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p.98-113, dez. 2006.

MAZLOOMDOOST, Donna; PAULS, Rachel N.. A Comprehensive Review of the Clitoris and Its Role in Female Sexual Function. **Sexual Medicine Reviews**, Cincinnati, v. 3, n. 4, p.245-263, out. 2015

MOMBAÇA, Jota. **Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência!** 2016. 20 f. [S.I.], São Paulo, 2016.

O'CONNELL, H. E.; HUTSON, J. M.; ANDERSON, C. R.; PLENTER, R. J. **Anatomical relationship between urethra and clitoris**. University of Melbourne, Australia - USA, 1998.

RAGO, Elizabeth. Os mistérios do corpo feminino, ou as muitas descobertas do "Amor Venéreo". **Projeto História: Corpo & Cultura**, São Paulo, v. 25, n. ?, p.181-195, dez. 2002.

RAMOS, M. C.; ANDRE, J. W. ; GUIMARAES, L. O. ; ZANELLA, L. . Discursos e representações de gênero e sexualidade dentro e fora do Ensino de Ciências e Biologia. 2016. (Curso de curta duração ministrado/Extensão)

SALES, Adriana. Travestilidades e escolas nas narrativas de alunas travestis. 2012. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Ufmg, Rondonópolis, 2012.

SCANAVACA, Raíza Padilha. Pela superação da colonialidade do saber:: o conceito de biomas nos livros didáticos de Ciências. 2017. 78 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

SIMAKAWA, Douglas Takeshi/Viviane V. Pela Descolonização das Identidades Trans. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO DA ABEH, 2012, Salvador. **Anais.** Salvador: ABEH, 2012. p. 1 - 15.

TAVARES, Bruno. Cinquenta Tons do Sexo: Quando o binário dá lugar ao amplo espectro sexual. 2018. Disponível em: <<http://www.sporum.com.br/2018/03/cinquenta-tons-do-sexo-quando-o-binario.html>>. Acesso em: 3 abr. 2018.

WHAT It's Like To Be Intersex. [s.i]: As/is, 2015. Son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cAUDKEI4QKI&t=4s>>. Acesso em: 4 abr. 2018.

GLOSSÁRIO

Termos e expressões sobre gênero, sexualidade e sociedade:

Cultura do estupro: a cultura do estupro marca as sociedades, tratando-se de um contexto social criado e sustentado nas práticas e discursos comuns do desenvolver social, em diversos espaços. Sendo cultural, essa noção naturalizadora do estupro não pode ser entendida como normal ou como parte da natureza, portanto podendo ser vista para muitos como inquestionável ou intrínseca à condição humana – ela foi construída, portanto pode e deve ser combatida. Visões sustentadoras e reproduzidas pela cultura do estupro são, por exemplo, a objetificação do corpo das mulheres e pessoas LGBTQI+, a violência sexual sendo amenizada ou relativizada nas discussões, nas mídias e até nos ambientes educacionais, a culpabilização das vítimas de violência sexual, bem como da situação, vestimentas e outros fatores, desviando a atenção e a responsabilização para o agressor, a naturalidade e frequência do assédio sexual, que muitas vezes é visto como piada ou até mesmo, elogio.

Drag Queen/King: artista, trans ou não, mas normalmente uma pessoa LGBTQI+, envolvida com a luta desses grupos de identidade e sexualidade desviantes das normas, que realiza performances que podem incluir música, dança, interpretação e comédia. Normalmente constroem uma personagem caricata, com produções de figurino e maquiagem imponentes, que mistura e brinca com os signos e comportamentos ditos “masculinos” e “femininos”, usando deste caminho para questionar, provocar e contestar as normas e papéis de gêneros impostos, as identidades assinadas pela sociedade que carregam consigo preceitos discriminatórios de comportamento, de expressão, de escolhas. Através de recursos como o humor crítico, a ironia, o deboche, o exagero, o melodrama, as *drag queens/kings* usam da arte para causar confusão, reflexão e transformação. A *drag queen* Ru Paul, com seu programa de TV estadunidense ‘Ru Paul’s Drag Race’, é considerada uma das maiores referências da cultura *Drag*, tendo inspirado e apoiado diversas artistas ao redor do mundo, incluindo um número cada vez mais forte e deslumbrante de *drags* brasileiras, muitas já famosas internacionalmente e promotoras de debates nas mídias sociais em torno das questões e lutas LGBTQI+.

Heteronorma: quadro normativo que busca legitimar a ideia de que existe uma normalidade de origem ‘natural’ na relação sexual e afetiva

entre pessoas de gêneros opostos, dentro de um binarismo de gênero homem x mulher, onde os papéis de comportamento social e sexual são pré-determinados pela biologia e são imutáveis, cabendo a cada gênero exercer seu papel natural dentro de uma relação e não escapar aos padrões supostamente determinados pela natureza, onde ‘o homem’ ocupa um lugar de domínio e privilégio perante ‘a mulher’, inclusive em relação à satisfação sexual. De acordo com esta normatização, qualquer relação que foge à socialmente constituída como ‘tradicional’ são manifestações não naturais e/ou patológicas, o que acarreta em opressão e marginalização de pessoas cuja sexualidade foge aos padrões.

Machismo: um dos pilares sociais, esse conceito refere-se à relação desigual entre homens e mulheres, com base na noção de que os homens seriam dominantes em relação às mulheres, colocando-as em posição de inferioridade. O machismo sustenta desigualdades em diversos contextos sociais, políticos, familiares, artísticos e sustenta também a exploração dos corpos femininos e LGBTQI+, bem como as violências a estes corpos cometidas, tais como o feminicídio e o transfeminicídio.

Misoginia: ódio ao feminino; ódio às mulheres trans e cis. Opressão, discriminação e invalidação de mulheres de forma sistemática, institucional e/ou individual.

Queer: termo com origem na língua inglesa com significado literal de “estranho”, “excêntrico”. Essa palavra era utilizada em tom pejorativo em referência à pessoas cuja sexualidade e identidade de gênero fugiam à norma heterossexual ou do binarismo de gênero. Estas pessoas então passaram a se apoderar do termo e ressignificá-lo. Assumiu-se a identidade *queer* pela busca por visibilidade, espaço e voz nos meios sociais, apropriando-se da luta contra as normas e discriminações sexuais.

Sexismo: visão que reduz e limita os seres ao seu gênero ou sexo, marcada por preconceitos e discriminações, já que busca determinar os papéis, comportamentos e relações das pessoas com base no seu gênero e sexo, sendo discriminatório para com as pessoas que não correspondem à essas imposições. Normalmente reproduz a ideia de que o gênero masculino está dominante perante os outros.

Este glossário foi elaborado com referência e inspiração no Glossário de Espectometria Não-Binária de Luís Guilherme e colaboradoras/es, disponível online para acesso livre e edição coletiva em: https://docs.google.com/document/d/1A1YwNilWBdHWX_fud2kkXfGmESwLC9vZMy-xLKfPXg/edit

APÊNDICE I - TCLE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Centro de Ciências Biológicas



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada/o para participar da pesquisa intitulada **“Precisamos falar sobre o clitóris na Escola: uma análise do silenciamento do órgão do prazer”** (Trabalho de Conclusão de Curso orientado pelas professoras Mychelle Santana e Simone Ribeiro), sob a responsabilidade da pesquisadora Mariela Claudete Ramos. A sua participação no referido estudo será no sentido de fornecer elementos para avaliação e reflexão das problematizações produzidas durante as duas aulas sobre corpo humano, sexualidade e o clitóris, no âmbito da disciplina XXXXXXXXXXXX (Licenciatura em Biologia – noturno/UFSC), bem como permitir o uso anônimo dos desenhos produzidos nas atividades praticadas e das respostas do questionário respondido na segunda aula, de maneira anônima.

“Eu declaro estar ciente e autorizo a utilização dos dados obtidos pela pesquisadora e declaro que fui alertada/o de que, da pesquisa a se realizar, que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informada/o de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo.

A pesquisadora envolvida com o referido projeto, Mariela Claudete Ramos, está vinculada ao ao OBEDUC (Programa Observatório da Educação) e com ela poderei manter contato pelo telefone 48-998440016 ou através do email marielacramos@gmail.com. É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as

informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências.

Enfim, tendo sido orientada/o quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.”

Florianópolis, 19 de Abril de 2018.

Pesquisadora responsável

Orientadora

Co-orientadora

Nome e assinatura do sujeito da pesquisa

APÊNDICE II - QUESTIONÁRIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Centro de Ciências Biológicas

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso

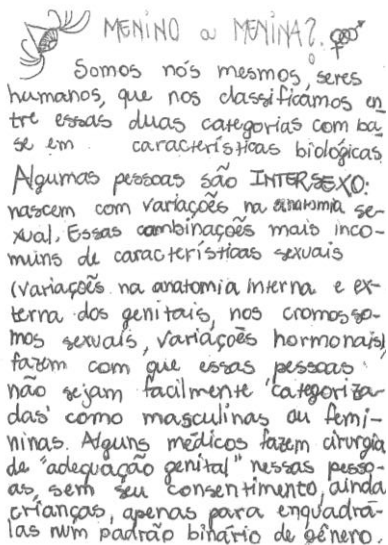
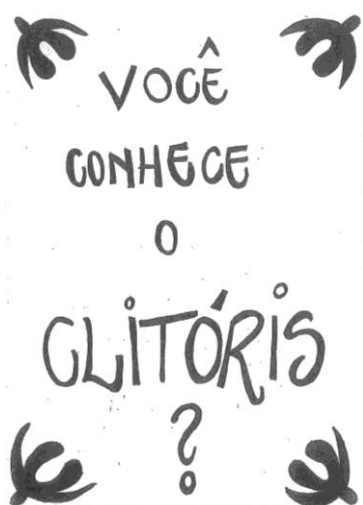
Pesquisadora: Mariela Ramos

Cara/o colega,
este questionário é parte fundamental da pesquisa que venho desenvolvendo, na área de educação e sexualidade, para o meu Trabalho de Conclusão de Curso. Gostaria de convidá-la/lo a fazer parte deste momento respondendo às três questões abaixo. Não existem respostas certas ou erradas, peço apenas que façam um exercício de recordação dos tempos escolares e respondam de maneira livre de acordo com o que vocês lembram do assunto em questão. A sua identidade não será revelada e nenhum dado coletado será utilizado para nenhuma outra finalidade.

SOBRE O CLITÓRIS:

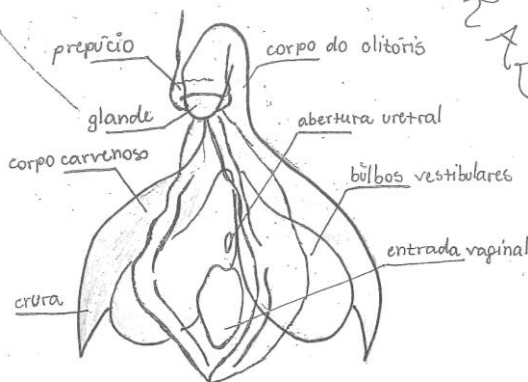
1. Antes desta aula, você já conhecia ou havia visto em algum lugar a **estrutura completa do clitóris** (representada pelo modelo 3D observado na aula)? Se sim, compartilhe aqui o que você lembra dessa experiência (através de qual(is) meio(s) ou pessoas?).
2. Tente recordar das suas aulas de Ciências e Biologia e dos momentos em que se abordaram temas relacionados à corpo humano, reprodução, sexualidade, sexo biológico e suas diferenças, gravidez... etc.): **nessas aulas, você aprendeu algo sobre o clitóris?** O que você lembra desse aprendizado? (Quais informações a sua professora ou professor compartilhou com a turma? Foi mostrada a estrutura completo do clitóris? Algo foi discutido e aprofundado para além da indicação da localização anatômica do órgão?)
3. Para você, faz/fez diferença ter conhecimentos sobre o clitóris (ou não ter)? Por quê? Para que esses conhecimentos podem ser úteis e importantes? Conte um pouco da sua experiência

APÊNDICE III - *fanzine*



MUITO PRAZER, CLITÓRIS:

A parte visível do clitóris, a glânde, é apenas uma pontinha desse órgão complexo, que tem a maior parte da sua estrutura localizada no interior do corpo!



ÚNICO ÓRGÃO TOTALMENTE VOLTADO PARA O PRAZER

🌿 O CLITÓRIS É O ÓRGÃO MAIS SENSÍVEL DA NOSSA ESPÉCIE! 🌿
Ele possui entre 6000 e 8000 terminações nervosas!

MUITO TEMPO EM ESQUECIMENTO!

→ A primeira descrição anatômica completa do clitóris foi feita apenas em 1998 por Helen O'Connell (Austrália, EUA).

É O CLITÓRIS, E NÃO A VAGINA, O ÓRGÃO HOMÓLOGO AO PÊNIS!

→ O clitóris é um órgão dinâmico, podendo mover-se e aumentar algumas vezes de tamanho! Os bulbos vestibulares são altamente vascularizados quando há estímulo e excitação sexual e ocorre a ereção do clitóris!

HÁ AINDA MUITO PARA SE DESCOBRIR E SE FALAR SOBRE O CLITÓRIS!
COMO ACONTECEM OS ORGASMOS?
SERÁ QUE O CLITÓRIS TEM OUTRAS FUNÇÕES?



**ANEXOS – desenhos produzidos nas aulas com a turma
respondente dos questionários:**

